

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA - CCSST
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS
LUZIANE DE SOUSA SANTOS

**A AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA MEDIADORA DA APRENDIZAGEM NA
RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

Imperatriz - MA
2018



LUZIANE DE SOUSA SANTOS

**A AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA MEDIADORA DA APRENDIZAGEM NA
RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso entregue à Universidade Federal do Maranhão, como exigência parcial para obtenção do título de licenciado em Ciências Humanas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Betania Oliveira Barroso.

Imperatriz - MA
2018

SANTOS, LUZIANE DE SOUSA.

A AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA MEDIADORA DA APRENDIZAGEM NA
RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO / LUZIANE DE SOUSA SANTOS. - 2018.

63 p.

Orientador(a): Betânia Oliveira Barroso.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia,
Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2018.

1. Afetividade. 2. Aprendizagem. 3. Mediação. 4.
Relação. I. Barroso, Betânia Oliveira. II. Título.

LUZIANE DE SOUSA SANTOS

**A AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA MEDIADORA DA APRENDIZAGEM NA
RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

Aprovado em: 20 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Betania Oliveira Barroso
Universidade Federal do Maranhão/UFMA

Prof^a Msc. Cláudia Silva Lima
Universidade Federal do Maranhão/UFMA

Prof. Fausto Ricardo Silva Sousa
Graduado em Pedagogia- Facimp
Especialista em Didática do Ensino Superior.

DEDICATÓRIA

A Deus todo poderoso, meu criador pelo dom da vida, e por estar sempre comigo dando-me saúde, sabedoria, coragem e força, para construir esse trabalho e também pelas bênçãos dadas a mim durante toda vida.

Ao meu pai Antônio Oliveira e minha mãe Maria do Socorro por todo amor, carinho, compreensão, tolerância e incentivo, sem esses valores e sem eles eu não teria conseguido ir tão longe.

Aos meus irmãos Patrícia, Luciano, Lidiane e Rosângela (in memória) por terem acreditado em mim, e por estar ao meu lado apoiando e orando junto comigo.

A todos os meus familiares, pela força e confiança.

Aos meus amigos que estiveram sempre comigo nessa luta, em especial o Gleydson, Fernando, Eliane, Joyce, Luana, Tamires e Nildete pela força e por me encorajarem a continuar no caminho da vitória.

À minha orientadora, Professora Betânia Barroso, pelas contribuições e aos demais professores do curso de Licenciatura de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, por contribuírem para a minha formação acadêmica.

A todos que colaboraram de forma direta e indireta para a conclusão desta jornada.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é observar a importância da afetividade na relação professor-aluno na educação de nível fundamental dos anos finais na Escola Municipalizada Santos Dumont. Buscamos questionar como a afetividade na relação professor e aluno pode favorecer a aprendizagem das crianças e adolescentes, bem como as possíveis relações existentes entre esses sujeitos que colaboram para seus processos de desenvolvimento educativo. Também, buscamos encontrar algumas respostas através da identificação de pontos básicos nas concepções que possam estimular uma convivência entre professores e alunos voltada a entender o desenvolvimento diário da afetividade em sala de aula a qual esteja em colaboração para a aprendizagem com qualidade. Ou seja, para uma educação em que o aluno possa ter estímulos satisfatórios para estar em sala. A questão é como essa relação afetiva entre professor e aluno em sala de aula, pode ajudar na aprendizagem buscando fundamento nas obras de Wallon, Vygotsky, e Piaget, que defendem a dimensão da afetividade no processo ensino-aprendizagem e aponta a ação do professor como fator determinante neste processo. Em relação à metodologia, destacamos a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, utilizando uma abordagem qualitativa. Foram aplicados questionários com questões abertas e fechadas aos professores e os alunos da escola. Esperamos que o resultado da pesquisa demonstre como a afetividade vem sendo trabalhada nas escolas e qual sua importância na aprendizagem dos alunos. Reforçando que a relação afetiva em sala de aula facilita a aprendizagem e estimula o educando.

Palavras-chave: Aprendizagem. Afetividade. Mediação. Relação Professor-Aluno.

SUMMARY

The objective of this study is to observe the importance of affectivity in the teacher-student relationship in elementary level education of the final years at Santos Dumont Municipal School. We seek to question how the affectivity in the teacher and student relationship can favor the learning of children and adolescents, as well as the possible relationships between these subjects that collaborate for their educational development processes. Also, we seek to find some answers by identifying basic points in the conceptions that can stimulate a coexistence between teachers and students, aimed at understanding the daily development of affectivity in the classroom that is in collaboration for quality learning. That is, for an education in which the student can have satisfactory stimuli to be in the room. The question is how this affective relationship between teacher and student in the classroom can help in learning by finding a foundation in the works of Wallon, Vygotsky, and Piaget, who defend the dimension of affectivity in the teaching-learning process and points out the teacher's action as factor in this process. Regarding the methodology, we highlight bibliographical research and field research, using a qualitative approach. Questionnaires with open and closed questions were applied to teachers and students at the school. We hope that the research results demonstrate how affectivity has been worked in schools and how important it is in student learning. Reinforcing the affective relationship in the classroom facilitates learning and stimulates the learner.

Keywords: Learning. Affectivity. Mediation. Teacher Student

SUMÁRIO

1.0. INTRODUÇÃO	11
1.1. Justificativa.....	13
1.2. Objetivos	15
1.2.1. Objetivo geral.....	15
1.2.2. Objetivos específicos.....	15
1.3. Problemática	15
1.4. Hipóteses	16
2.0. AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA PARA EVOLUÇÃO DO COGNITIVO. ..	17
2.1. Conceituando a afetividade.....	17
2.2. Princípios básicos da afetividade	19
2.3. O Afeto	20
2.4. A Emoção.....	21
2.5. Sentimento	22
2.6. O Afetivo e o cognitivo na Educação	22
2.7. A afetividade na relação professor /aluno	24
2.8. Educadores e a afetividade.....	27
2.9. A família e a afetividade	30
2.10. O papel da afetividade nos diferentes estágios de desenvolvimento de crianças e adolescentes.....	31
2.11. A LDB 9394/96e o ensino da educação básica.....	32
2.12. Tendências pedagógicas	34
3.0. METODOLOGIA.....	37
3.1. Tipos de pesquisa	37
3.1.1. Quanto a abordagem	37
3.1.2. Quanto aos fins.....	38
3.1.3. Quanto aos meios.....	38

3.1.4. Universo e amostra.....	39
3.1.5. Coleta de dados.....	39
3.1.6. Tratamento/análise de dados.....	39
4.0. ANÁLISES DO QUESTIONÁRIO FEITO AOS PROFESSORES.....	40
4.1. Gênero.....	40
4.2. Idade.....	41
4.3. Salário.....	42
4.4. Formação Acadêmica.....	43
4.5. Participou de cursos e/ou seminários sobre a temática – afetividade?.....	44
4.6. Interesse pela temática afetividade é:.....	45
4.7. Na construção do planejamento escolar você inclui atividades que favoreçam a construção do vínculo afetivo entre professor e aluno?.....	46
4.9. Há uma relação afetiva entre você e os alunos (as)?.....	48
5. ANÁLISES DO QUESTIONÁRIO FEITO AOS ALUNOS.....	50
5.1. Gênero.....	50
5.2. Faixa etária.....	50
5.3. Qual ano escolar?.....	51
5.4. Você gosta quando o professor conversa com você? Por quê?.....	52
5.5. Quais são os assuntos que você gosta de falar com os professores? Porque?.....	53
5.7. Você cumpre com suas tarefas e estuda igualmente para todas as disciplinas ou tem diferença nas aulas que você mais gosta? Porquê?.....	55
5.8. Como você expressa carinho por seus professores?.....	56
5.9. Você acha que o vínculo afetivo entre professor e aluno contribui para sua aprendizagem? Porquê?.....	57
5.10. O que você acha que o professor precisa para ser um bom professor?.....	58
6.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
7.0. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

8.0. ANEXOS	63
ANEXO A	63
ANEXO B	64
1.GÊNERO:.....	64
2.FAIXA ETÁRIA:.....	64
3. QUAL ANO ESCOLAR:	64
4. VOCÊ GOSTA QUANDO O PROFESSOR CONVERSA COM VOCÊ? POR QUÊ?	64
5. QUAIS SÃO OS ASSUNTOS QUE VOCÊ GOSTA DE FALAR COM OS PROFESSORES? PORQUE?	64
7. VOCÊ CUMPRE COM SUAS TAREFAS E ESTUDA IGUALMENTE PARA TODAS AS DISCIPLINAS OU TEM DIFERENÇA NAS AULAS QUE VOCÊ MAIS GOSTA? PORQUÊ?	64
8. COMO VOCÊ EXPRESSA CARINHO POR SEUS PROFESSORES?	64
9. VOCÊ ACHA QUE O VÍNCULO AFETIVO ENTRE PROFESSOR E ALUNO CONTRIBUI PARA SUA APRENDIZAGEM? PORQUÊ?	64
10. O QUE VOCÊ ACHA QUE O PROFESSOR PRECISA PARA SER UM BOM PROFESSOR?.....	64

1.0. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discorre sobre o tema afetividade, pesquisado em uma escola de imperatriz, a saber: Escola Municipalizada Santos Dumont, tendo em vista investigar a relação afetiva entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.

A afetividade é entendida como conhecimento construído através das vivências, interações que vão se estabelecendo entre as partes envolvidas nas quais todos os atos de comunicação demonstram comportamentos, intenções, valores e sentimentos que conseqüentemente afetam as relações e o processo de aprendizagem.

As relações afetivas no desenvolvimento cognitivo, e em seu contexto geral de crianças e adolescentes são importantes visto que hoje a sociedade modernizada vivencia um momento em que a representação da família que era tradicionalmente constituída de pai, mãe e filhos, na atualidade está configurada com diversos padrões, portanto com a instabilidade das relações afetivas, grande parte das crianças e adolescentes sentem-se inseguras e vulneráveis diante de relacionamentos muitas vezes sem estrutura, que de certo modo acabam dificultando o processo de aprendizagem.

Devemos considerar a teoria psicogênica de Wallon (1968), que fala sobre o sujeito em ser físico, palpável, concreto e deve ser visto como tal, nos mostra que devemos respeitar suas competências cognitivas, afetivas e motoras que fazem parte de um todo do ser humano

Diante desse entendimento, podemos considerar o afeto como um instrumento que proporciona a integração do aluno com sensibilidades subjetivas, e que são exploradas através da motivação e da conscientização, buscando a formação de um cidadão que seja capaz de refletir sobre o mundo no qual está inserido.

Para a realização da pesquisa, adotamos a abordagem da pesquisa qualitativa, sendo utilizado como instrumento um questionário, com perguntas abertas feitas aos professores e alunos, com indagações da relação professor/aluno, buscando através das análises, dialogar com os teóricos usados para abordar a temática da pesquisa, assim como algumas indicações que possam introduzir as bases gerais sobre as quais Jean Piaget, Lev S. Vygotsky, pensam a questão do afeto,

porém com um enfoque maior na obra de Henri Wallon, visto que a afetividade ocupa posição relevante em sua teoria.

Através deste trabalho podemos refletir sobre a importância da afetividade para a nossa formação e como ela vem sendo trabalhada no exercício da prática pedagógica escolar, partimos do pressuposto que a escola deve oferecer uma educação de qualidade para todos, partindo da ideia que é através do professor que isso se solidifica, com a valorização dos aspectos cognitivos de cada sujeito

. Também dissertamos um pouco sobre o conceito de afetividade, bem como a relação entre afetividade professor/aluno e seus resultados na educação do Ensino Fundamental anos finais.

O referente estudo está dividido em cinco capítulos que nos direciona a entender como é desenvolvido o trabalho da afetividade na educação. No primeiro capítulo temos a introdução e os objetivos explicitados. No segundo capítulo buscamos conceituar afetividade, seus princípios básicos, segundo alguns autores de muita valia para nosso trabalho, Wallon, Piaget Marroney e Almeida, buscando compreender a complexidade da relação professor-aluno em sala de aula, temos como foco o conceito de afetividade e está dividido nos seguintes tópicos: Os princípios básicos da afetividade, o afetivo e o cognitivo na educação, afetividade na relação professor-aluno, o educador e a afetividade, família e a afetividade. No terceiro refere-se aos aspectos metodológicos, enfatizando a pesquisa qualitativa, análise de dados. No quarto capítulo, os resultados e discussões obtidos através da pesquisa de campo, que teve como entrevistados alunos e professores. E o quinto capítulo contém as análises dos dados feita com os sujeitos, no caso os professores.

Podemos perceber que as demonstrações de afeto durante as práticas pedagógicas influem no aspecto emocional e no cognitivo da criança e do adolescente, aumentando sua autoestima, e também seu interesse por determinada disciplina, distanciando-se da educação tradicional das cadeiras em filas, do aluno que só absorve, e da imobilidade do corpo, mas também na relação afetiva que o aluno mantém com o professor e com os colegas

1.1. Justificativa

A motivação por esse tema surgiu a partir de práticas vivenciadas na Escola Municipaliza Santos Dumont no período em que trabalhei como professora da disciplina de Língua Inglesa, onde tive contato com adolescentes e via como eles tinham afeto por alguns professores e por outros não, ao observar a forma de trabalho dos colegas me veio o questionamento sobre a afetividade.

Nesse período de contato direto com a prática escolar, foi notado o desestímulo de alguns professores em sala de aula, por conta de diversos fatores, inclusive o baixo salário, e assim não demonstravam afetividade com as crianças e adolescentes, deixando-as sem aparente vontade de estar ali estudando.

Outro motivo foi em função da participação em um seminário para todos os professores da Rede Pública de Ensino, onde se discutiu a afetividade em sala de aula como um assunto de grande relevância, que fez aflorar a curiosidade em ler, estudar e compreender mais acerca da importância da afetividade na relação professor e aluno, principalmente na educação de nível fundamental dos anos finais.

Com a observação de comportamentos de professores e alunos na escola em que trabalhei, surgiu a inquietação sobre como a afetividade na relação professor aluno pode contribuir para a aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental dos anos Finais? Nesse sentido, com o objetivo de investigar a afetividade na relação professor/aluno como ferramenta mediadora da aprendizagem nos 8º e 9º anos da escola Municipalizada Santos Dumont. E, tendo como objetivos específicos compreender os conceitos de afetividade; entender as diferentes relações de afeto existentes entre professor e aluno; compreender a importância de uma relação afetiva entre educador e educando como ferramenta mediadora do processo de ensino e aprendizagem.

A adolescência é uma das fases mais difíceis na vida dos jovens, onde tudo é novo, principalmente as experiências emocionais distintas, e por vezes irreconhecíveis para eles e para seus familiares. As mudanças são de fatores orgânicos, fisiológicos e neurológicos que precisam ser entendidas pela família, seu alicerce, e também pelos professores. A família, também, tem grande relevância no fator ensino/aprendizagem, pois é através dela que são expressos os sentimentos nos quais podem dificultar a aprendizagem dos adolescentes na escola.

Vale ressaltar também que a família tem o dever de caminhar junto com a escola fazendo acompanhamento e observando o comportamento integral que envolve o desenvolvimento cognitivo e afetivo diante da aprendizagem da criança e adolescentes. Entretanto, na escola, o professor deve exigir de si mesmo a capacidade de relacionar-se de forma positiva com o aluno, partindo dele o estímulo à aprendizagem eficaz, pois um bom educador pode ser aquele que sabe acolher e respeitar as necessidades de cada aluno.

Alguns pensadores como Wallon, Vygotsky e Piaget conceituam a afetividade destacando-a como um dos fenômenos da mente, dos sentimentos e da emoção que influencia o comportamento humano de forma aceitável ou não, conforme estímulos internos e externos, como também a capacidade pessoal de cada um de responder ou reagir aos mesmos.

Estamos diante das grandes transformações da sociedade, na qual todos vivem de forma “desumana” sem que haja laços que permitam permear um ambiente tranquilo em que possam valorizar sentimentos, amizades, conhecimentos e principalmente o outro.

Partindo de tais pressupostos entendemos que esta pesquisa é viável na escola investigada, com turmas de educação fundamental no bairro bacuri em Imperatriz/MA, pois estudaremos a relação professor/aluno, sendo a afetividade uma variável facilitadora da aprendizagem e formação da autonomia dos (as) alunos (as).

Portanto a pesquisa é relevante, pois, visa um estudo aprofundado e elaborado dos benefícios da educação, na qual a afetividade é parte indissociável, e pode proporcionar aos educandos o respeito, a confiança em si e no outro, ou seja, sujeitos que acreditem neles sem medo de expor pensamentos e capaz de produzir ideias, tornando-se um ser atuante na sociedade que vive.

Nesse sentido, o professor deve estar atento e consciente da sua responsabilidade como educador, que precisa compreender o aluno e seu universo pessoal, respeitando e valorizando cada aluno, destacando desta forma os benefícios que a afetividade, quando posta em prática na sala de aula pode trazer resultados positivos para a formação pessoal e educativa para cada educando.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo geral

- ✓ Analisar a importância da afetividade na relação professor/aluno como facilitadora da aprendizagem na educação dos anos finais.

1.2.2. Objetivos específicos.

- ✓ Compreender a relação do processo educacional como elo entre professor e aluno através da afetividade.
- ✓ Identificar o afeto enquanto propulsor da amizade criada entre os sujeitos investigados.
- ✓ Relacionar a temática da pesquisa na relação diária vivenciada e suas contribuições com o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

1.3. Problemática

É essencial compreender que para trabalhar com a educação, antes de tudo é importante ter amor a profissão, dedicação, e fazer o melhor em prol do aluno, pois entendemos que os resultados obtidos em sala de aula decorrem de um clima harmonioso onde cada aluno é tratado de acordo com suas dificuldades e particularidades, objetivando formar cidadãos autônomos e confiantes em si. Partindo desse pressuposto indaga-se: Como a afetividade na relação professor/aluno pode contribuir para a aprendizagem dos alunos nos anos finais?

1.4. Hipóteses

Tendo pesquisado e analisado o trabalho dos professores no ensino fundamental maior, estudado os teóricos que trabalham com a construção do cognitivo, e que ele se dá principalmente através da afetividade, com a preocupação, o carinho e afeto entre professor/aluno, como afirmam Wallon, Vygotsky e Piaget na teoria da psicogênese, a hipótese levantada nessa pesquisa é a de que a afetividade pode se configurar como ferramenta mediadora do processo de ensino e aprendizagem na relação professor – aluno.

Diante dessa teoria apresentada pelos pensadores citados sobre a construção do conhecimento através da afetividade, podemos detectar de forma clara e objetiva como os professores podem trabalhar em sala de aula, e o que queremos para ajudar essas crianças e adolescentes a se sentirem motivados a irem à escola.

2.0. AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA PARA EVOLUÇÃO DO COGNITIVO.

Diante da Área da Psicologia existem várias concepções teóricas para explicar o processo de aprendizagem e ensino. E entendendo que a aprendizagem é um meio que interliga as atividades didáticas do docente com autonomia e criatividade do discente (LIBÂNEO, 2002, p. 8), a escolha mais coerente para embasar esse ponto de vista é a Teoria Cognitivista¹, que entende o homem como um conjunto amplo e complexo de ideias, ou seja, capaz de processar novos conceitos e assimilar às novas informações e conteúdo. Nesta Teoria o professor é um mediador do conhecimento. Apresenta novas ideias e cria mecanismos que possibilitam a percepção, assimilação e reconstrução do conteúdo, por parte do aluno.

2.1. Conceituando a afetividade

Existe uma busca incessante de educadores, de alunos e de instituições de ensino por uma educação de qualidade, que visa buscar alternativas e receitas prontas para tal. As buscas por vezes precisam passar por burocracias que barram o trabalho da escola e do professor que tem autonomia para trabalhar de forma a configurar sua didática, temos como parâmetros os indicadores do MEC/INEP (Ministério da Educação / Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) que diz: “Não existe um padrão ou uma receita única para uma educação de qualidade. Qualidade é um conceito dinâmico, reconstruído constantemente. Cada escola tem autonomia para refletir, propor e agir na busca da qualidade da educação”. (MEC/INEP, 2004)

Diante disso, surgem propostas didáticas que requerem investimentos em material humano, como palestras, seminários e oficinas educacionais, e algumas vezes se distanciam das reais possibilidades dos que devem dar os passos decisivos. No entanto, há soluções que não exigem tantos investimentos materiais, e são bem próximas dos educadores, instituições e governos, pois tais soluções estão dentro de

¹ O Cognitivismo é uma corrente pedagógica pertencente ao construtivismo. Dentre os autores da corrente estão: Piaget, Vygotsky e Ausubel. Cada um acrescentando conceitos que aperfeiçoam o entendimento do pensar humano. O cognitivismo surgiu como contraposição ao behaviorismo e estuda exatamente a percepção, interpretação e resolução de problemas, enquanto esta é voltada para análise de ações, comportamentos das crianças, durante a aprendizagem. (MOREIRA, 1999, p. 15).

cada um, precisam apenas ser valorizadas, redescobertas, compreendidas e aplicadas de forma que tenham o poder transformador para um aprendizado saudável.

Entre essas soluções está a temática da afetividade que de acordo com Piaget (1970, p.36.) Terá que compor com mais veemência os currículos escolares e ser prerrogativa das competências requeridas dos educadores. Terá que ser aprendida e aplicada por todos. Mas será, sem dúvida, a afetividade um elemento essencial, para que haja as mudanças tão esperadas das práticas educativas. Portanto, se faz necessário entender como acontece no sujeito e como pode ser exteriorizado sendo um elemento unificador no propósito plausível de educar com qualidade.

É importante definir afetividade. Para isso, autores como Wallon e Piaget conceituam a afetividade destacando-a como um dos fenômenos da mente, dos sentimentos e da emoção que influencia o comportamento humano de forma aceitável ou não, conforme estímulos internos e externos, como também a capacidade pessoal de cada um de responder ou reagir aos mesmos.

Henri Wallon (1975) nos mostra alguns fatores que exibem condições para cada estágio que são os fatores orgânicos e sociais, afirmando que “[...]... as emoções tendem [...] a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o sujeito e os que o cercam” (WALLON, 1975, p. 262).

O teórico acredita que as emoções assumem um caráter de ligação entre a criança e o outro, sendo vista como uma forma de permanência, ligação de carinho, sentimentos relevantes próprios da espécie humana.

Buscamos entender a psique humana através da afetividade até onde pode ser relevante na aprendizagem, e falar sobre afetividade é falar do íntimo de cada ser humano, já que por sua natureza social, se constrói na relação do sujeito com os outros sujeitos de seu convívio, num contexto recíproco. A afetividade é o lugar das emoções, das paixões e dos sentimentos; organiza-se em fenômenos complexos e determinados, definidos por processos individuais internos que se desenvolvem através do convívio humano. Como afirma Almeida.

Afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Ao longo do desenvolvimento do indivíduo, esses fatores em suas interações recíprocas modificam tanto as fontes de onde procedem as manifestações afetivas, quanto as formas de expressão. A afetividade que inicialmente é determinada basicamente pelo fator orgânico, passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social. (ALMEIDA, 2002, p. 24).

No ambiente escolar a relação entre professor e aluno faz com que haja uma aproximação e conseqüentemente uma parte do processo básico para a construção do conhecimento. Para que haja afetividade é necessário que se busque formas para que as pessoas possam tornar-se felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca.

Há também uma concepção de afetividade concebida como o conhecimento construído através da vivência, das relações e não se restringe ao contato físico, mas à interação que se estabelece entre as partes envolvidas, na qual todos os atos comunicativos, por demonstrarem comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, afetam as relações e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem.

Para Piaget:

[...] a afetividade constitui a energética das condutas, cujo aspecto cognitivo se refere apenas às estruturas. Não existe, portanto, nenhuma conduta, por mais intelectual que seja que não comportem, na qualidade de móveis, fatores afetivos; mas, reciprocamente, não poderia haver estados afetivos sem a intervenção de percepções ou compreensão, que constituem a estrutura cognitiva. A conduta é, portanto, uma, mesmo que, reciprocamente, esta não tome aquela sem consideração: os dois aspectos afetivo e cognitivo são, ao mesmo tempo, inseparáveis e irreduzíveis. (PIAGET, 1979, p. 10).

Na visão Piagetiana, o afeto cumpre um papel primordial no desempenho da inteligência, pois segundo o autor, “[...] não há raciocínio sem vivência de certos sentimentos e que, por outro lado, não tem como afeiçoar sem um mínimo de compreensão” (PIAGET, 1977, p.16). É preciso ver o sujeito como um ser intelectual e afetivo/volitivo, que sente e pensa ao mesmo tempo, e reconhece a proximidade com a atenção e carinho como parte do processo de construção do saber e do querer aprender, pois é através da afetividade que construímos um relacionamento de aprendizagem sadia com os alunos, tanto dentro, quanto fora da sala de aula.

2.2. Princípios básicos da afetividade

Falar de afetividade e aprendizagem é falar da essência da vida humana, que por sua natureza social, se constrói na relação do sujeito com os outros sujeitos, num contexto de inter-relações. A afetividade é o território das emoções, das paixões e dos sentimentos; organiza-se em fenômenos complexos e determinados, definidos por processos individuais internos que se desenvolvem através do convívio humano. Muitas vezes há de certa forma uma confusão em relação à terminologia da palavra

afetividade e ao grande número de vocábulos associados ao seu conceito. Os estados afetivos fundamentais são as emoções, os sentimentos, as inclinações e as paixões.

Para Mahoney e Almeida (2009, p.24) os princípios básicos da afetividade seguem a partir do desenvolvimento humano e de alguns aspectos como: “físico-motor, intelectuais, afetivo-emocional e social”.

Aspecto físico-motor refere-se ao crescimento orgânico, à capacidade de manipulação de objetos e exercício do próprio corpo. Aspectos intelectuais e a capacidade do pensamento, de raciocinar onde a criança evolui a cada momento em suas atitudes e no relacionamento de pessoas do seu próprio convívio.

Aspecto afetivo-emocional é a particularidade de cada sujeito na qual integra suas experiências. É no sentir, onde surgem os sentimentos individuais, um desses sentimentos que se torna mais relevante é o respeito que a criança e adolescente nutre pelos que se julga ser superior a ela. O aspecto social é a maneira como o sujeito reage diante das situações que envolve outras pessoas.

Para melhor compreender os princípios básicos da afetividade, como sendo pontos relevantes e presentes no processo de ensino, Mahoney e Almeida (2009) apresentam um estudo das etapas que a criança percorre no conjunto funcional da afetividade, assim será sintetizada cada uma dessas etapas, como se vê a seguir:

2.3. O Afeto

Refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis.

A teoria do desenvolvimento de Wallon (1979, p.34) apresenta três momentos marcantes, sucessivos, na evolução da afetividade nos estágios da emoção, sentimentos e paixão. Os três resultam de fatores orgânicos sociais e correspondentes a configurações diferentes e resultantes de sua integração. Nas emoções, há o predomínio da ativação fisiológica; no sentimento, da ativação representacional; na paixão, da ativação do autocontrole. Os conceitos serão melhor trabalhados mais adiante.

Wallon (1979, p.36) vê o desenvolvimento da afetividade das pessoas como uma construção progressiva que se sucede em fase com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Para Wallon a passagem de um a outro estágio

não é uma simples ampliação, mas uma reformulação, esses estágios em nenhum momento podem passar despercebido, pois são momentos importantes para a construção de novas aprendizagens.

É por conta dessas etapas que não pode passar despercebida que Wallon (1979, p. 36) defende a educação integral, ou seja, em muitos casos as crianças no auge dessas etapas os pais não tem tempo de estar presente, portanto, não acompanham essa evolução, então a educação integral é capaz de disponibilizar a formação do caráter e a orientação do lado profissional, uma, responsabilidade também da escola insistir na necessidade do conhecimento da criança por parte dos professores, para uma prática educativa eficaz.

Wallon (1979, p. 40) afirma que a emoção e afetividade têm uma função específica, que através das análises genéticas deve ser buscado a compreensão dos resultados de cada etapa evolutiva, mas tudo isso depende das condições mentais e sociais que a criança possui, pois é na ação sobre o meio físico, que deve ser buscado o significado verdadeiro da emoção e da afetividade.

Assim, a afetividade poder ser conceituada como todo o domínio das emoções, dos sentimentos, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato com sensações, referindo-se às vivências dos sujeitos e as formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

2.4. A Emoção

A emoção é considerada como um sentimento que é dramatizado pelo sujeito e pode ser repassada por um estado de cognição mental do mesmo, portanto o estado emocional pode ser percebido de acordo com a vivência dos momentos, ou seja, a emoção é um estado no qual o sujeito se encontra e pode ser refletido através de vários sentimentos como: raiva, amor, carinho liberdade e outros.

Observa-se, portanto, a importância dos aspectos afetivos para o desenvolvimento psicológico, pois a partir das emoções que o aluno exterioriza seus desejos e vontades. Em geral são manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos módulos tradicionais de ensino.

E a exteriorização da afetividade, é sua expressão corporal, motora. Tem um poder plástico, expressivo e contagioso; é o recurso de ligação entre o orgânico e o social: estabelece os primeiros laços com o mundo humano e, através deste, com o mundo físico e cultural. As emoções compõem sistemas

de atitudes. A emoção é uma forma de participação mútua, que funde as relações interindividuais. (MAHONEY; ALMEIDA, 2009, p.102).

A emoção estimula o desenvolvimento cognitivo e, assim, proporciona mudanças que tendem a diminuí-la. Estabelece-se um antagonismo entre emoção e atividade intelectual, isto é, “sempre que dominam atitudes afetivas as imagens mentais se confundem; quando o predomínio é cognitivo”, explica Mahoney e Almeida (2009). É evidente que a emoção é altamente orgânica, altera a respiração e os batimentos cardíacos, causa impacto no outro e tende a propagar-se no meio social, porém, isso não indica dizer que estar emocionado é estar confuso ou impedido de tomar decisões.

2.5. Sentimento

É um estado no qual a pessoa pode sentir também a expressão representacional da afetividade. Não implica reações instantâneas e diretas como na emoção. Os sentimentos podem ser expressos pela mímica e pela linguagem. Geralmente os adultos têm maiores receios de expressar sentimentos: observa, reflete antes de agir, saber onde e como expressá-los, traduz intelectualmente seus motivos e circunstâncias.

2.6. O Afetivo e o cognitivo na Educação

Segundo Jean Piaget, em suas pesquisas, trata a afetividade e a cognição como categorias separadas, porém praticáveis. O autor chegou a advertir quanto ao fato de que, apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição são inseparáveis em todas as ações simbólicas na vida do aluno, pois:

Não há estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Quando discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, afirma que esses processos de adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o *interesse* em assimilar o objeto ao *self* (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no *interesse pelo objeto novo* - o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno. (PIAGET 1954, p. 89).

Percebe-se que para Piaget a afetividade é fundamental na inteligência e ela seria o impulso para que a mesma ocorresse. Pois para aprender é preciso ter interesse e tal atitude só será despertada se houver o condicionante afetivo, e com

isso, conseqüentemente facilitará o processo de compreensão, ou seja, o aspecto cognitivo se dará de maneira natural. Esse processo é explicado por Piaget em uma metáfora, afirmando que:

Afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro mas não modifica sua estrutura" (ibidem., p.5). Ou seja, existe uma relação intrínseca entre a gasolina e o motor (ou entre a afetividade e a cognição) porque o funcionamento do motor, comparado com as estruturas mentais, não é possível sem o combustível, que é a afetividade. (PIAGET, 1954, p. 96).

O psicólogo Lev S. Vigostky (1996, p. 96) tematiza em suas pesquisa sobre as relações entre afeto e cognição, mostrando que as emoções integram-se ao funcionamento mental geral, tendo uma participação ativa em sua configuração. Nesse caso, há uma emergencia em reconhecer as bases orgânicas sobre as quais as emoções humanas se desenvolvem. Nesse sentido, o teórico buscou no desenvolvimento da linguagem e do sistema simbólico básico de todos os grupos humanos. Assim, é possível entendermos os elementos fundamentais para compreender as origens do psiquismo.

Vygotsky explicita claramente as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico.

A forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos (VYGOTSKY, 1996, p.152).

Percebe-se desta forma que os sentimentos estão ligados diretamente com a forma de pensar trazendo com isso a possibilidade de interferir no desenvolvimento cognitivo. Quando se fala de inteligência e aprendizagem é importante que se refira também a emoção, as ligações e inter-relações afetivas.

Seria impossível entender o desenvolvimento da inteligência sem um desenvolvimento integrado e convergente cada vez maior de nossos interesses e amores por aquilo que olhamos, tocamos e que nos alimenta a curiosidade. (SALTINE, 2002, p.17).

Portanto, é de grande relevância que a escola esteja preparada para instigar a curiosidade das crianças e dos adolescentes de forma que seus interesses sejam ligados a suas vidas ao que se deseja ensinar.

2.7. A afetividade na relação professor /aluno

Sabemos que educar é a maneira de conduzir na qual se busca criar condições, situações em variadas circunstâncias para assim ajudar a conduzir uma possível desenvoltura nas bases da inteligência e estruturas psicossociais das crianças e adolescentes desenvolvendo a inteligência necessária para que tenha uma relação lógica no mundo.

Assim, podemos entender que desta forma a tarefa da educação é de promover articulações entre o aspecto cognitivo da criança e do adolescente da afetividade junto com suas relações de união, interação e integração sendo neste caso o professor o principal responsável por tal mediação.

Falar do aspecto afetivo na relação entre professor/aluno é falar de emoções, disciplina, postura do conflito do eu e do outro. Isto é, uma constante na vida da criança e principalmente do adolescente, em todo o meio do qual faça parte, seja a família, a escola ou outro ambiente que ela frequente, estas questões estão sempre presentes.

Discute-se muito a questão das práticas pedagógicas, todas voltadas exclusivamente para aprendizagem, em que os alunos deverão sair da escola com uma base bastante elevada de conhecimento, onde deverá se portar diante da sociedade como um ser responsável e autônomo. Porém, para que isso ocorra deveríamos ter uma educação mais baseada no controle do que no afeto, no autoritarismo que na colaboração.

Sabemos que dentro da sala de aula temos relações emocionais diferentes e que a afetividade é um componente básico do conhecimento e se manifesta estruturada em uma relação de amizade, empatia, cuidado, gestos, compreensão consigo e com os outros, pois acredita-se que facilita o entendimento e o desejo de aprender quando tem esses componentes no ambiente escolar.

O pensamento de Vygotsky se configura em uma visão estritamente social para o processo de ensino aprendizagem. Através de uma perspectiva histórico-cultural, dando enfoque ao que está nas relações sociais. A partir da leitura testificamos que a interação com outros se dá através do que ela incorpora que a criança aprende com os instrumentos culturais.

Vygotsky (1994) preocupa-se em destacar o quanto é importante as relações sociais, assim sendo temos a ideia que a mediação e a internalização são

aspectos fundamentais para a aprendizagem, o teórico defende que só há a construção do conhecimento a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, é a partir de sua iniciação dos aspectos da cultura que a criança, através da socialização com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo.

O processo de internalização envolve uma série de transformações que colocam em relação o social e o individual. Afirma que “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois no nível individual; primeiro entre pessoas (Interpsicológica), e, depois, no interior da criança – intrapsicológica. (VYGOTSKY, 1994, p.75).

A partir da mediação e da forma como a mesma se faz é que estará fazendo sentido para a criança, ficando desta forma internalizada trazendo com isso uma série de transformações no que diz respeito ao social e ao individual.

A relação que distingue o ensinar e o aprender transcorrem a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar. A base desta relação vincular é afetiva, pois é através de uma forma de comunicação emocional que a criança e o adolescente mobilizam o adulto, garantindo assim os cuidados que necessita.

Portanto, é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança e o adolescente que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem. Seu status é fundamental nos primeiros meses de vida, determinando a sobrevivência (WALLON, 1968). Da mesma forma, é a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo.

Nesse sentido, para a criança e ao adolescente, é importante e fundamental o papel da ligação afetiva. No processo de desenvolvimento, assim sendo ela se amplia e a figura do professor surge com grande valor nessa relação do professor com o aluno na aprendizagem.

Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...). Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar. (FERNÁNDEZ, 1991, p.47).

Aprendizagem não pode ser distinguida da afetividade, porque nela ocorrem as relações sociais, em um processo de interatividade diária. Se pensarmos basicamente na aprendizagem escolar, sabemos que há uma organização que se estabelece entre os atores que fazem parte dela que são os alunos, professores, equipe escolar, além dos recursos didáticos, e não acontece estritamente no campo cognitivo. Há uma base afetiva que permeia as relações sociais, pois as experiências que se vive em sala de aula precisam ocorrer entre os sujeitos que estão envolvidos nesse processo

interpessoal. Busca-se através da mediação e ela se internaliza através do intrapessoal, ganhando autonomia, para assim fazer parte da história de vida de cada um, já que são experiências afetivas.

O grande problema da educação é que muitos professores não têm amor pela profissão. Muitas vezes estão na escola por falta de opção, não tem uma constituição emocional, afetiva, por isso tendem a trabalhar de maneira conteudista, acreditando que os alunos são meros depósitos de informações. Se os professores não acreditam em seu trabalho, de forma a ter um auto estima profissional, não se sentem bem com a profissão. É possível que não consigam educar num contexto afetivo, pois não passaram por uma constituição adequada; estão apenas cumprindo protocolo. Assim, sem nenhuma contribuição efetiva para o desenvolvimento afetivo e cognitivo do aluno.

Os afetos, as emoções e os sentimentos são essenciais. Não se trata absolutamente de negá-los, de reduzi-los nem de atrofiá-los: trata-se de conciliá-los, com a objetividade, a lucidez e o espírito crítico que a escola tem como missão desenvolver, um ser puramente cognitivo se pudesse existir, seria frio, aborrecido, perigoso, e sem dúvida, infeliz. Seria mutilado desta parte de humanidade que é também de coração de desejo e de carne. O ser humano desde a sua mais tenra infância, é um ser plural: nele o intelecto e a razão misturam-se com o sonho e o imaginário. (ALTINO JOSÉ - PÁTIO ano VI nº7 Jul/Out, 2008, p.23).

Observando a citação acima, percebe-se que a autora diz a respeito da natureza humana, pois todos nós somos dotados de sentimentos, e deixa claro que se a escola procura desenvolver um ser puramente cognitivo, necessitado de tempo para dialogar, discutir situações, opiniões e sentimentos. Faz-se necessário um trabalho voltado para a educação em valores, sentimentos, solidariedade e companheirismo para que assim forme seres humanos equilibrados emocionalmente.

As ciências da educação devem passar por uma revolução. Acredito que temos mais ou menos quatrocentos anos de atraso para recuperar. Na Grécia antiga a pedagogia foi praticada de forma mais adequada que hoje. Depois nem mesmo o renascimento adquiriu a capacidade de educar. Acredito que, em primeiro lugar, a escola deve ser o continente de um desenvolvimento da organização dos sistemas afetivos e cognitivos. Quem está aprendendo e amadurecendo não é somente o intelectual e sim um indivíduo em constante processo de nascimento de atividade. Atividade essa que a cada momento se apresenta de forma diferente (SALTINI, 2002, p.19).

As escolas precisam entender que estão lidando com seres humanos que pensam, sentem e necessitam constantemente de atenção. É urgente que se prime pela ideia que todos são capazes de criar e recriar, é relevante que se reverta os princípios arraigados, abrindo, cada vez mais, novos espaços para ideias originais.

A criança e os adolescentes não podem mais serem vistos como seres que necessariamente deve aprender conteúdos, as emoções devem ser valorizadas, pois escutar, também é parte indispensável do processo educativo.

Atualmente são levantadas algumas preocupações com relação a aprendizagem das crianças, e quase sempre a culpa recai sobre a própria criança, ou que não se interessa, ou tem alguma patologia, porém nada se discute em relação ao educador. Infelizmente, existem educadores que estão sempre esperando que as crianças executem o que lhes foi proposto, a liberdade dada às crianças é sempre ilusória, a única saída que ela tem para adaptar-se a esse mundo que geralmente oprime e dificulta o processo de desenvolvimento.

Não acredito que devamos iniciar analisando o por que as crianças não aprendem? ”, mas nos perguntando porque nós negamos tanto a aprender “educar”. Existe uma profunda presunção em todo educador, como se educar fosse uma coisa natural. (SALTINI, 2002, p.22).

A excessiva e desvairada autoridade na educação , tanto familiar como escolar, sempre apontando limites e regras, muitas vezes até reequilibrando um sistema em desenvolvimento, só promoverá uma insegurança fundada no medo quando não hostilidade e revolta.

2.8. Educadores e a afetividade

Uma vez que o homem se constitui como um ser humano na relação com o outro, por meio de uma inserção sócio histórica, torna-se necessário destacar o lugar que as crianças têm no processo de escolarização, e partindo deste processo é fundamental que seja possibilitado um canal de comunicação e relações que haja reciprocidade entre alunos e professores. É sabido que a profissão de professor está pautada essencialmente no campo das relações humanas, portanto é de fundamental importância que este tenha consciência do seu papel como educador.

Qualquer projeto educacional deve ter bases e objetivos estruturados nas relações e na solidariedade, duas dimensões essenciais para a definição dos papéis e das atribuições da docência em educação infantil. (ANTINO JOSÉ, 2008, p.1).

É interessante que os educadores valorizem o ser em sua singularidade, que vejam que se trabalha com seres humanos inteiros, corpo, mente, história de vida e que tem capacidades a serem desenvolvidas, possibilidades de construir, deixando de lado a concepção que a criança e adolescentes são um projeto de um vir a ser,

como algo a ser moldado, transformado em um adulto racional deixando desta forma a base que é a educação infantil com uma grande lacuna. Vale ressaltar aqui o que diz Gabriel Chalita (2001, p. 45): “é preciso lembrar que, ao escolher a profissão de educador, como a de médico ou sacerdote, o professor está comprometido com a sensibilidade humana”.

As relações de afeto entre professor e aluno estabelecem-se em vários momentos e principalmente no momento da aprendizagem, que é onde o educador tem a oportunidade de mostrar para seus alunos a importância que cada um tem, pois se dedica a ser mediador do conhecimento de forma com que cada aluno seja valorizado.

Todos os educadores devem saber que ser afetuoso não tem nada de complicado, só traz recompensas, mas para que a afetividade permeie o ambiente escolar é preciso que os educadores tenham realmente vocação para o magistério, caso contrário terá professores sem compromisso com um dos bens mais preciosos da humanidade que é a educação.

Segundo Rubem Alves (2004, p. 65), toda aprendizagem se inicia com uma Experiência afetiva. Certamente quando o clima criado é de prazer, acolhimento, alegria, companheirismo, ou seja, prazerosamente o conteúdo será apresentado, as dificuldades serão percebidas e acolhidas como parte do processo, auxiliando o aluno, desta forma, na superação das dificuldades.

O aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que isto possa ser melhor cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades. O trabalho do professor em sala de aula, seu relacionamento com os alunos é expresso pela relação que ele tem com a sociedade e com cultura.

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade. (ABREU & MASETTO, 1990, p.115).

É impossível alguém, ensinar quando não se tem prazer. Atualmente o que temos nas escolas são professores cansados, desestimulados e que não acreditam no potencial dos alunos, professores que deixaram de sonhar e conseqüentemente interferem de forma direta na formação de seus educandos, professores que trabalham exclusivamente pelo dinheiro, sem preocupam-se com o outro, com o ser/pessoa que está em sua responsabilidade.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p.96).

A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais e principalmente uma pessoa equilibrada emocionalmente.

É importante que professor transmita confiança, que o mesmo acredite no que diz que tenha convicções de seus ensinamentos, porque assim o educando terá oportunidade de aprender e com isso será formada uma parceria de sucesso.

Vale ressaltar aqui que apesar da importância da existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre professores e alunos para que se desenvolva a leitura, a escrita, a reflexão, a aprendizagem e a pesquisa autônoma; por outro, Siqueira (2005, p.01), afirma que “os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor”. Assim, situações diferenciadas adotadas com um determinado aluno (como melhorar a nota deste, para que ele não fique para recuperação), apenas norteadas pelo fator amizade ou empatia, não deveriam fazer parte das atitudes de um “formador de opiniões”. Ser um professor comprometido com os alunos afetivamente não quer dizer que se pode deixá-los à vontade, deve-se agir com coerência onde os valores morais e éticos

devem ser respeitados e tudo que venha acontecer na sala de aula sejam pautados no respeito e confiança.

2.9. A família e a afetividade

Pode-se compreender família como a constituição de vários sujeitos que compartilham circunstâncias históricas, culturais, sociais, econômicas e afetivas. Dentro desta relação, caberia aos pais ensinar estas circunstâncias e aos filhos aprende-las. Um dos pontos básicos para que o processo de aprendizagem ocorra é a consideração dos aspectos emocionais, através da colocação adequada de limites por parte dos pais. O ambiente onde ocorre o processo de ensino-aprendizagem (que ocorre nas primeiras fases do desenvolvimento e se completa ao longo da vida) deve ser continente e protetor, pois a criança e o adolescente necessitam de uma figura afetiva estável onde está desempenha o papel de mediador da construção de sua identidade.

O fator primordial de “enfermidades”, dos problemas dos alunos advém da aprendizagem falida dos pais. Um bom vínculo entre pais e filhos, uma relação de confiança, espontaneidade e transparência, só são possíveis se cada um dos componentes dessa interação puder realizar uma aprendizagem emocional satisfatória. Freud (*apud* FERRARI e VECINA, 2002, p. 76) ressalta a tarefa de socialização da família e na contribuição para a formação da personalidade dos sujeitos, mediante a constituição de vínculos afetivos. Os estudos que visavam à compreensão da criança e os adolescentes, bem como seu desenvolvimento e as mudanças que ocorrem durante esse processo são bastante recentes, iniciando-se efetivamente nas primeiras décadas do século XX. (RAPPAPORT, 1981, 67).

Dentre as teorias que propõe estágios de desenvolvimento, encontram-se os estudiosos Freud, Piaget e Erickson, que, devido às suas contribuições sobre a compreensão de variáveis emocionais, cognitivas e sociais que, interferindo no desenvolvimento da criança e dos adolescentes, resultam em diferentes características comportamentais.

Freud (1913, p.76), fala da pessoa que manifesta seu prazer artístico sob uma libertação instintiva, que é uma forma de se liberar, seduzindo o outro como uma gratificação prazerosa. Se pensarmos em uma analogia quanto à confusão que se faz entre o afeto com excesso de gratificação (que é dado sob forma de afeto) que assim

como a arte, segundo Freud (1913, p.76), é uma realidade convencionalmente aceita, na qual graças à ilusão artística, os símbolos e os substitutos são capazes de provocar emoções reais, pode-se dizer que o ato de presentear é uma arte, cuja simbologia provoca emoções e a mesma substitui o significado da palavra afeto sob forma ilusória, mas que se faz necessária numa sociedade onde o consumo é bem aceito.

Na família moderna, em numerosos casos, falta o amor. Muito se diz da falência da família como instituição. Muito se diz das máscaras que tem de ser usadas. Todo mundo mente para todo mundo. Os filhos escondem dos pais as dúvidas e travessuras. Os pais escondem dos filhos as aventuras extraconjugais, a situação financeira, os problemas reais que assolam os lares. Cada um usa uma máscara. As dúvidas são resolvidas por amigos mais experientes as aventuras são apoiadas por outros que, sabidos que são garantem a aceitação e avisam que contar em casa é bobagem, os pais pertencem a outra geração.

É importante que se esclareça que por melhor que seja a escola, por mais bem preparada que esteja seus professores, nunca vão suprir a carência deixada por uma família ausente.

2.10. O papel da afetividade nos diferentes estágios de desenvolvimento de crianças e adolescentes.

A dimensão temporal do desenvolvimento da criança está distribuída, conforme Wallon (1977), em estágios que expressam características próprias. O desenvolvimento de um bebê é comparado ao do adulto no ponto de vista do afetivo, e pode ser assim caracterizado: como estágio impulsivo-emocional que vai de 0 a 1 ano (esse momento a criança expressa sua afetividade por meios de movimentos desordenados). O projeto, no estágio sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos) é quando as crianças já dispõem machas e falas, ela volta-se para o mundo externo, aprende o contato com a exploração de objetos e pessoas do seu contexto. Já no estágio personalismo (3 a 6 anos) essa é a fase chamada da descoberta, quando a criança descobre que é diferente de outras crianças e do adulto, é uma fase de oposição, sedução e imitação.

Existe ainda o estágio categorial (6 a 11 anos) momento pelo qual a criança passa a distinguir e diferenciar o eu e o outro, buscando condições para exploração mental do mundo externo. Portanto afirma Cervo (2007, p.58) que “são nessas fases

de desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor, que a família e os professores deverão estar preparados para perceber as necessidades de cada uma dessas etapas”.

A afetividade torna-se fundamental no processo de ensino-aprendizagem em todas as áreas do conhecimento. Professores de educação física, matemática e natação, hoje já conseguem perceber essa grande contribuição da afetividade como processo de ensino-aprendizagem, pois a afetividade tem um papel crucial, pois, segundo Freire (1989, p.70) “a afetividade é o território dos sentimentos das paixões, das emoções, por onde transita medo, sofrimento, interesse, alegria”.

Portanto, esse é o grande motivo de se estudar a afetividade como o papel fundamental nos diferentes estágios do desenvolvimento da criança, pois a afetividade é compreendida como ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões, ou seja, a capacidade de experimentar sentimentos e emoções e contradições. É a afetividade que determina a atitude do sujeito diante da experiência de vida, promove os estudos motivadores e inibidores. A afetividade é importante, pois influencia o pensamento e a conduta do sujeito com o meio.

2.11. A LDB 9394/96e o ensino da educação básica.

É indispensável falar da educação de crianças e adolescentes dentro da lei que rege a educação no país. A expressão educação fundamental e sua concepção como uma das etapas fundamentais da educação básica ganha destaque na lei da educação do país, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sancionada em 20 de dezembro de 1996, visto que é uma etapa importante no contexto educacional. O direito a educação as crianças e adolescentes de 4 a 17 anos à educação nas escolas públicas que já era assegurado na Constituição de 1988 é reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990-ECA, a tradução deste direito em diretrizes e normas, no âmbito da educação nacional, assegura a esses cidadãos o ingresso e permanência na escola.

A Educação Básica é a matéria de enfoque na Lei de Diretrizes e Bases, mostrando o dever da educação que começa nos primeiros anos de vida sendo assim essencial para o cumprimento de sua finalidade, afirmada no Art. 22 da Lei: “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores”. Falaremos no decorrer da

pesquisa sobre a educação básica composta por educação infantil, educação fundamental e ensino médio.

A educação infantil na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), inexistente nas legislações anteriores. É tratada na Seção II, do capítulo II (Da Educação Básica), nos seguintes termos:

Art. 29 A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30 A Educação Infantil será oferecida em: I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas para crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31 Na Educação Infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental.

É importante destacar, além do que já comentamos a respeito da Educação Infantil como primeira etapa da educação básica. A necessidade de que a Educação básica promova o desenvolvimento do sujeito em todos os seus aspectos, de forma integral e integrada, constituindo – se no alicerce para o pleno desenvolvimento do educando. O desenvolvimento integral da criança e do adolescente 0 a 17anos torna-se imprescindível a indissociabilidade das funções de educar com afetividade, sendo que grande parte do seu tempo o aluno passa na escola.

A educação fundamental é a segunda etapa da educação na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), e agrega todas as outras concepções relacionada a educação infantil, porém temos como destaque a obrigação do estado de beneficiar com educação de qualidade e gratuita e da família de matricular a criança e o adolescente na escola, segundo o artigo 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, sendo que a família é citada no artigo 6º é dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade. Sabemos que a educação básica abrange o ensino fundamental anos iniciais e finais, assim como também o ensino médio que se destaca como terceira etapa dessa proposta de educação na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

Destacamos que há na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) uma seção que especifica sobre o cuidado da família e do estado na educação, no artigo 2º, onde diz: A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios

de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) também define em outros artigos aspectos relevantes para educação. Enfatizando, o fato de quando trata “Da Organização da Educação Nacional” (capítulo IV), estabelece o regime de colaboração entre a União, os Estados e os Municípios na organização de seus sistemas de ensino. É afirmada a responsabilidade principal do município na educação infantil e fundamental com o apoio financeiro e técnico de esferas federal e estadual.

Uma das partes mais importantes da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) é a que trata os Profissionais da Educação. São sete artigos que estabelecem diretrizes sobre a informação e a valorização destes profissionais. Define o Art. 62:

Formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida para formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (2010, p 85).

Deve-se ainda destacar Disposições Transitórias, a instituição da Década da Educação, ao iniciar-se um ano após a publicação da Lei, e que até o fim da mesma “somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço” (Art. 87§4°).

2.12. Tendências pedagógicas

Entre os elementos que contribuíram para o desenvolvimento do ser humano, podemos dizer que um de fundamental importância foi o processo de mediação dos conhecimentos acumulados. O homem não se humanizou somente porque produziu conhecimentos, mas também porque soube transmiti-los. Desse ponto de vista tão importante quanto produzir conhecimentos é o processo de como media-lo. Talvez por esse motivo, ao longo da história humana, o processo educacional tenha recebido tanta atenção não só por parte de quem está envolvido no processo de ensino e aprendizagem, mas também por quem estuda esse processo. Assim, a história da educação é um capítulo importante não só para se

saber o que já foi feito, mas também para aprender, comparativamente, como agir mais eficazmente no presente.

Nos primeiros milênios da história humana o processo de transmissão de conhecimentos baseava-se na convivência. As crianças conviviam com os adultos e aprendiam por imitação. Podemos dizer que nesse primeiro momento não havia muita preocupação com as técnicas de ensinar, mas com a proximidade do grupo. Nesse contexto, se alguma técnica de ensino havia, ela consistia em motivar as crianças e jovens a imitar os mais velhos. Do ponto de vista antropológico podemos dizer que os ritos de passagem são um capítulo à parte visto que não se caracterizam como processo formal de educação, mas como mecanismo cultural, específico de cada agrupamento humano.

Com a leitura das ideias dos professores Saviani e Libâneo percebe-se que os estes propõem uma reflexão sobre as tendências pedagógicas. Com é possível que se entenda a distinção das Tendências Pedagógicas em Liberal e Progressista. Cada uma delas com as suas ramificações e com a especificação do papel da escola, os conteúdos e os métodos de ação específicos.

Durante muito tempo a prática pedagógica não se alterou, mantendo-se afinada com aquilo que se popularizou como escola tradicional, dentro da tendência "liberal tradicional". Essa tendência recebeu inovações e se redefiniu como tendência renovada progressista, e com o aparecimento do movimento escola novista, foi denominada de tendência renovada não-diretiva.

Hoje não se pode dizer que nenhuma dessas tendências e correntes sobreviva sozinha ou isoladamente na prática pedagógica. O que podemos observar na prática cotidiana das escolas e dos professores é a mistura de tendências e posturas. Elas não se apresentam puras nas práticas pedagógicas, mas formando uma mistura o que resulta no nosso sistema educacional. Misturando-se não de forma dialética, pois assim teríamos um avanço qualitativo, mas de forma eclética de modo que cada um recolhe aquilo que lhe é conveniente.

Sabe-se que a prática escolar está sujeita a condicionantes de ordem sociopolítica que implicam diferentes concepções de homem e de sociedade e, conseqüentemente, diferentes pressupostos sobre o papel da escola e da aprendizagem.

Embora se reconheçam as dificuldades do estabelecimento de uma síntese dessas diferentes tendências pedagógicas, cujas influências se refletem no ecletismo

do ensino atual, emprega-se, neste estudo, a teoria de José Carlos Libâneo, que as classifica em dois grupos: “liberais” e “progressistas”. No primeiro grupo, estão incluídas a tendência “tradicional”, a “renovada progressivista”, a “renovada não-diretiva” e a “tecnicista”. No segundo, a tendência “libertadora”, a “libertária” e a “crítico-social dos conteúdos”.(Libâneo, 1992,p.5)

Com os avanços no campo da Psicologia da Aprendizagem, bem como a revalorização das ideias de psicólogos, como Piaget, Vygotsky e Wallon, e a autonomia da escola na construção de sua Proposta Pedagógica, a partir da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) 9.394/96, exigem uma atualização constante do professor. Através do conhecimento dessas tendências pedagógicas e dos seus pressupostos de aprendizagem, o professor terá condições de avaliar os fundamentos teóricos empregados na sua prática em sala de aula.

É interessante que se faça um estudo minucioso em relação às tendências pedagógicas, faz-se necessário que os educadores tenham conhecimento, para que assim possam escolher a que melhor pode auxiliá-lo na prática pedagógica. Observando as necessidades dos educandos no que diz respeito à formação plena, tanto cognitiva, quanto afetiva.

Vale fazer um breve esboço das tendências fazendo as devidas relevâncias de cada uma e focalizando a que melhor pode contribuir para uma formação de qualidade dentro das expectativas.

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Tendência Pedagógica	Liberal Tradicional.	Tendência Liberal Renovadora Progressiva.	Tendência Liberal Renovadora não-diretiva (Escola Nova	Tendência Liberal Tecnista.
A relação Professor-Aluno	Autoridade do professor que exige atitude receptiva do aluno.	O professor é auxiliador no desenvolvimento livre da criança.	Educação centralizada no aluno e o professor é quem garantirá um relacionamento de respeito.	Relação objetiva onde o professor transmite informações e o aluno vai fixá-las.
Tendência Pedagógica	Tendência Progressista Libertadora	Tendência Progressista Libertária.	Tendência Progressista "crítico social dos conteúdos ou "historico-crítica"	
A relação Professor-Aluno	A relação é de igual para igual, horizontalmente.	É não diretiva, o professor é orientador e os alunos livres.	Papel do aluno como participante e do professor como mediador entre o saber e o aluno.	

Fonte: (LIBÂNEO, 1990, p.99)

3.0. METODOLOGIA

3.1. Tipos de pesquisa

3.1.1. Quanto a abordagem

Quanto à abordagem, a pesquisa foi qualitativa com objeto de estudo. A pesquisa qualitativa tem caráter exploratório e faz uma análise subjetiva do caso, deixando a opinião do entrevistado mais intrínseca e motivada. O autor LUDKE conceitua:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo os dois autores, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo (LUDKE, 1986, p.11).

Ainda quanto a abordagem, a pesquisa também foi quantitativa. A pesquisa quantitativa tem natureza objetiva e direta, sendo possível uma abordagem mais precisa acerca dos fatos objetos de análise. Com a pesquisa quantitativa foi viável analisar a visão dos professores e dos alunos acerca da afetividade.

Pesquisa quantitativa considera o que pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão) (KAUARK, MANHÃES E MEDEIROS, 2011, p. 26).

3.1.2. Quanto aos fins

Quanto aos fins, a pesquisa foi descritiva. A pesquisa descritiva envolve técnicas padronizadas de coleta de dados, observando seu objeto de forma sistemática, assumindo assim a forma de levantamento. Objetivando a análise das opiniões de cada um dos participantes da pesquisa.

Na pesquisa descritiva, se observam, registram, analisam, classificam e interpretam os fatos, sem que o pesquisador lhes faça qualquer interferência. Assim, o pesquisador estuda os fenômenos do mundo físico e humano, mas não os manipulam (PRESTES, 2013, p.30).

Ainda quanto aos fins, a pesquisa foi exploratória. A pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses.

As pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas também visam a torna-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado (GIL, 2010, p.27).

3.1.3. Quanto aos meios

Quanto aos meios, a pesquisa foi bibliográfica. A pesquisa bibliográfica consiste em estudo a partir de material já publicado, ou seja, livros, artigos e periódicos. Para descrever as definições acerca da afetividade e seu papel motivacional, foi imprescindível a pesquisa bibliográfica, utilizando de livros de renomados autores e especialistas sobre essa temática.

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta, modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos (GIL, 2010, p.29).

Ainda quanto aos meios, a pesquisa também foi de campo. A pesquisa de campo, feita através de entrevistas e questionários aplicados aos professores e alunos da Escola Municipalizada Santos Dumont em Imperatriz – MA.

Na problemática em discussão, a pesquisa de campo teve vital importância para verificar junto aos dois grupos de entrevistados o seu posicionamento acerca da afetividade.

Desenvolvida principalmente nas ciências sociais, a pesquisa de campo é aquela em que o pesquisador, através de questionários, entrevistas, protocolos verbais, observações etc., coleta de seus dados investigando os pesquisados no seu meio (PRESTES, 2013, p.31).

3.1.4. Universo e amostra

A pesquisa foi realizada junto aos professores e alunos da Escola Municipalizada Santos Dumont em Imperatriz Ma. As amostras quantitativas, correspondentes aos questionamentos feitos ao universo de pesquisa, foram expostos em gráficos de percentagem elaborados no próprio software Microsoft Word 2010.

3.1.5. Coleta de dados

Como instrumento de pesquisa, foram aplicados questionários estruturados a 10 professores e 20 alunos da Escola Municipalizada Santos Dumont em Imperatriz – MA. Os questionários foram elaborados com perguntas estruturadas abertas e fechadas. Além de perguntas avaliativas de múltipla escolha e dicotômicas.

3.1.6. Tratamento/análise de dados

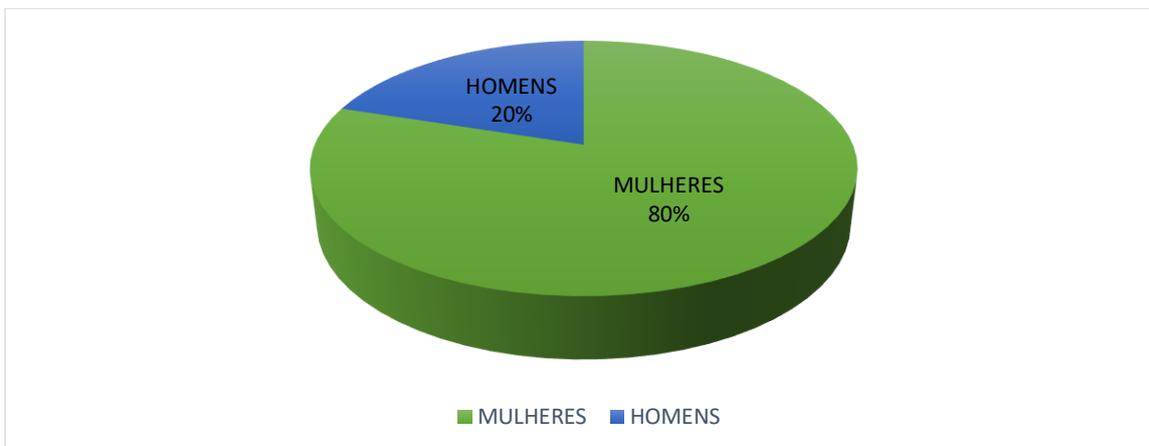
Quanto ao tratamento dos dados na forma quantitativa, procurou-se distribuir os dados estatísticos provenientes dos questionários aplicados sob o enfoque de testar e analisar as hipóteses definidas no início do trabalho. Quanto à forma qualitativa, procurou-se trabalhar o mais próximo da verdade encontrada. Segundo Vergara (2005, p.55):

Os métodos de investigação se classificam como quantitativos e qualitativos por apresentarem características contrastantes quanto à forma e ênfase, entretanto não são excludentes. Esta classificação não significa que se deva optar por um ou outro.

O pesquisador pode, ao desenvolver o seu estudo, utilizar os dois, usufruindo, por um lado, da vantagem de poder explicitar todos os passos da pesquisa e, por outro, da oportunidade de prevenir a interferência de sua subjetividade nas conclusões obtidas.

4.0. ANÁLISES DO QUESTIONÁRIO FEITO AOS PROFESSORES

4.1. Gênero

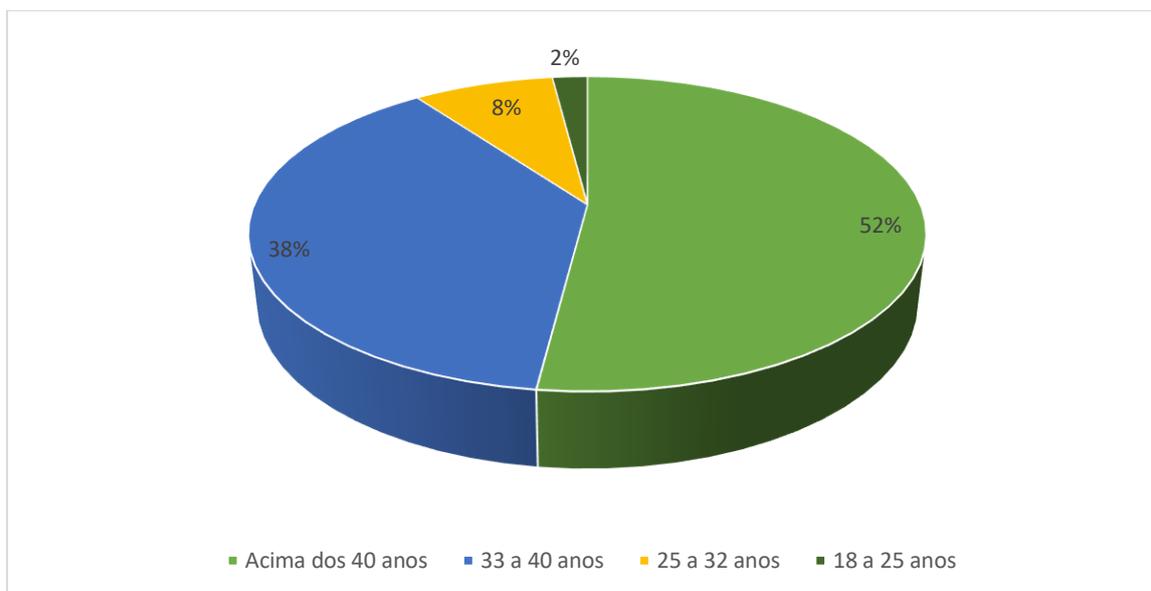


Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Evidenciamos nessa primeira pergunta direcionada aos professores, que a maioria (80%) são do gênero feminino, sendo que apenas 20% são do gênero masculino.

A imagem do profissional da educação sempre foi reforçada como sendo da mulher “naturalmente” educadora, passiva, paciente e amorosa, que sabe agir com bom senso, guiada pelo coração, isso porque a mulher é mãe, e por ser de responsabilidades das mães os cuidados dos filhos, a mulher como professora já é julgada apta a exercer esse trabalho com afetividade. E com o resultado é possível ver que as educadoras escolhem essa profissão por essa aproximação com as crianças e os adolescentes, e por essa qualidade necessária do instinto maternal, a atenção e o carinho que facilita esse contato. E os professores do gênero masculino não veem os alunos com a mesma afetividade, é um trabalho mais objetivo, procuram trabalhar com matérias específicas, disciplinas voltadas para área de exatas, por serem disciplinas mais complexas buscam ter uma relação distanciada do afeto, até porque são homens e alguns tem receio de serem interpretados erroneamente.

4.2. Idade

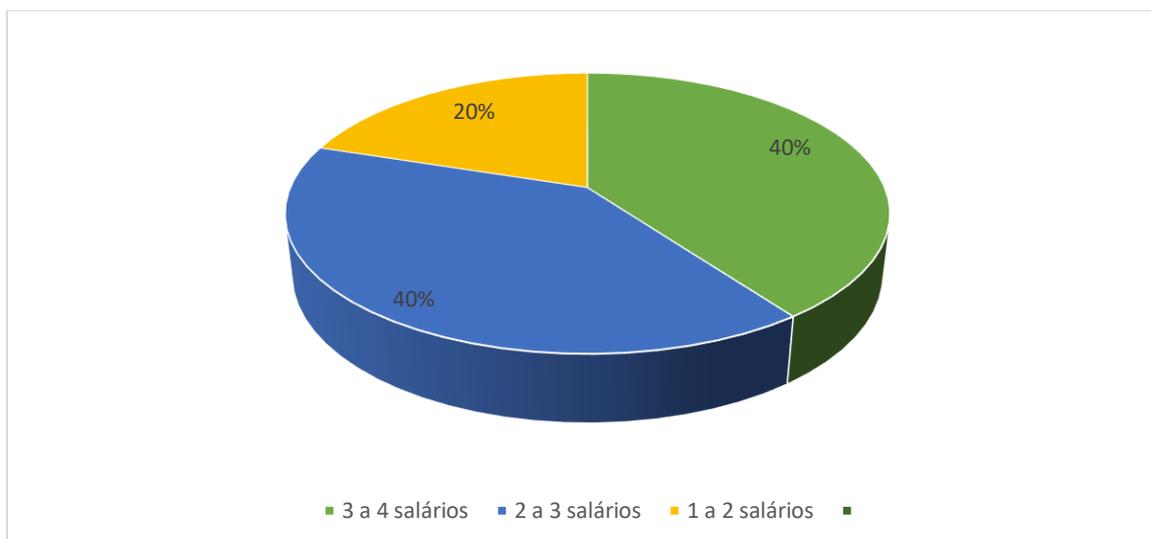


Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Essa segunda pergunta aponta que 52% dos professores encontram-se na faixa etária acima dos 40 anos, o que demonstra bastante experiência na função. 38% tem de 33 aos 40 anos. 8% encontram-se na faixa etária dos 25 aos 32. E apenas 2% encontra-se na idade de 18 a 25 anos.

A educação fundamental maior requer muita disponibilidade, espontaneidade e disposição, pois o trabalho com crianças e adolescentes é voltado para aprendizagem das disciplinas e assim ajudar a transpor a fase educacional e pessoal tão complicada na vida desses alunos, o que causa grande preocupação é o fato da maioria dos educadores estarem com dupla jornada de trabalho, alguns trabalham até três horários por dia, outros com carga horária de trabalho reduzida e reversão com outras educadoras que estão na mesma situação, ou seja, a idade, as impossibilitam de realizar algumas atividades voltadas para o desenvolvimento afetivo do educando já que a didática desses professores é voltada a pedagogia tradicional.

4.3. Salário



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

O salário é uma questão muito usada para justificar a situação educacional do Brasil, pois o educador para ganhar de 2 a 3 e 3 a 4 salários mínimos que o possibilite viver e não sobreviver, ele trabalha os três turnos, defasando assim o seu empenho em sala de aula, por se cansar, estressar durante o dia e a noite e se tratando da educação dos anos finais é preocupante, pois o professor tem que estar atento a essa etapa que o educando precisa mais de atenção.

Uns números menores de 20% de professores ganham de 1 a 2 salários mínimos, por ter adentrado a pouco tempo no município, e não ter conseguido dobrar o turno, mas os mesmos falam que não querem trabalhar os dois turnos por conta do cansaço e desgaste durante o ano letivo em sala de aula. Procuram trabalhar menos ganhando pouco para ter um bom desempenho, e acham também, importante para as crianças e adolescentes, essa atenção redobrada.

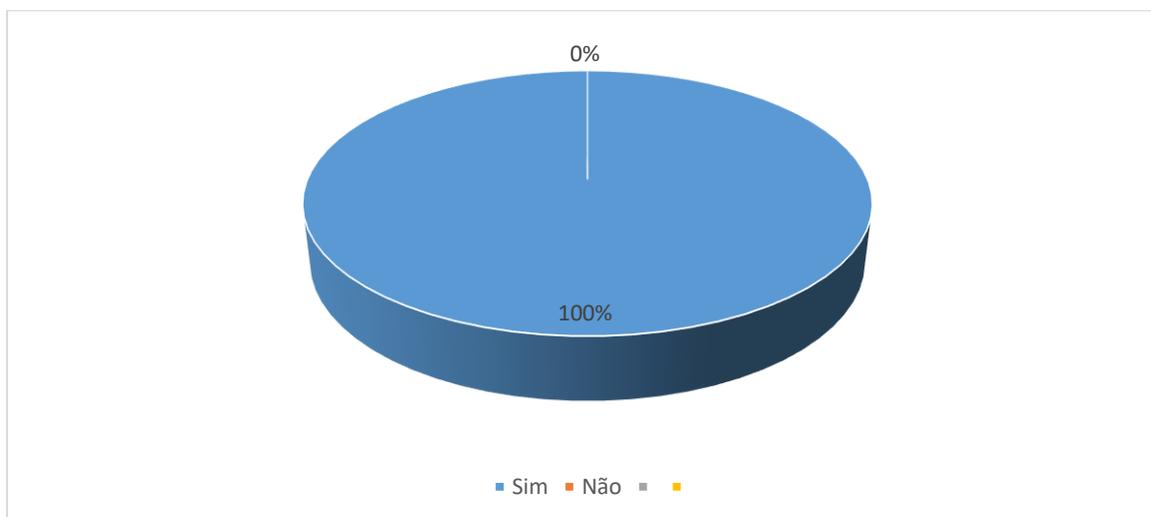
Todo profissional trabalha em troca do salário, porque ninguém vai trabalhar de graça, mas mesmo com o pouco salário é importante que faça seu trabalho com qualidade e compromisso. Principalmente os educadores dos anos finais, que trabalham com crianças e adolescentes muitas vezes carentes dos pais, que buscam afeto na escola com a referência de professor que tem. É triste algumas realidades de pouco estímulo dos professores em relação ao afeto com as crianças e adolescentes, pelo baixo salário que recebem.

4.4. Formação Acadêmica

Os professores têm sua formação dividida em disciplinas variadas que dividem em língua portuguesa, matemática, química, história entre outras, alguns possuem formação em pedagogia. É importante observar que alguns trabalham disciplinas que não corroboram com sua formação, e isso também é um aspecto negativo que por vezes influencia na falta de afetividade na relação professor/aluno, porque o professor tem que ter uma formação adequada para acompanhar esse momento da fase escolar da criança da criança e do adolescente, onde ela começa a ter dúvidas de sua personalidade e criar conceito, então é fundamental o professor ter esse embasamento teórico sobre o que está lecionando e trabalhar com motivação e afeto, para conhecer as necessidades de cada aluno e suas particularidades.

Como aponta o Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são: I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio; II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas; III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim; IV – profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V.

4.5. Participou de cursos e/ou seminários sobre a temática – afetividade?

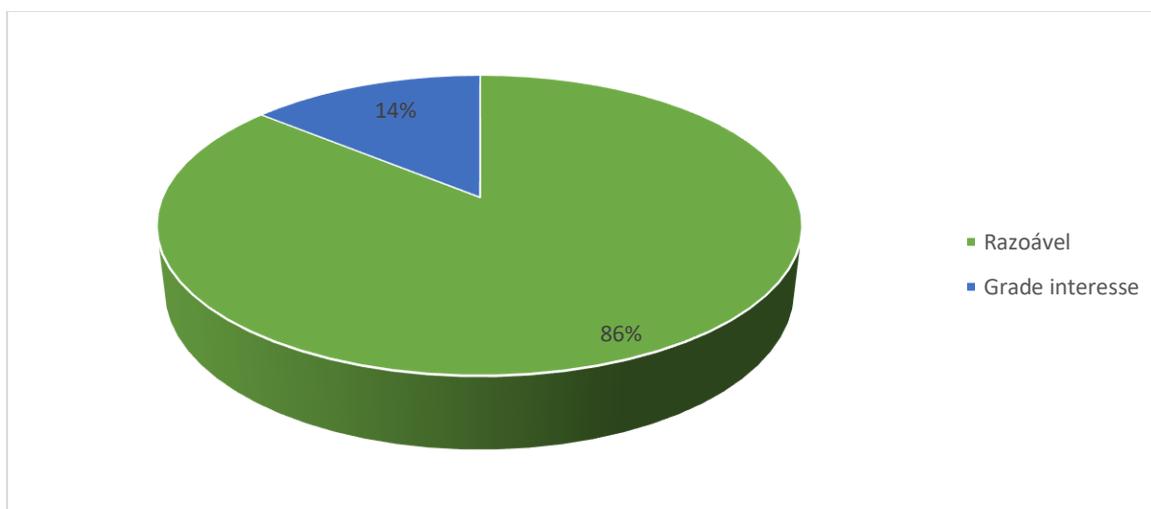


Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Afetividade é uma temática de grande relevância dentro e fora da sala de aula, verifica-se no questionário que 100% dos professores afirmaram que já participaram de cursos e/ou seminários sobre a temática – afetividade. Ressalta-se que estas formações são ofertadas pela Secretaria Municipal de Educação, durante seminários feitos anualmente, onde todos professores participam.

Tem o exposto como resposta, fica a indagação, será que se não fossem ofertadas essas formações pela SEMED, os professores buscariam saber mais da temática afetividade? Seria relevante que sim, porque a Educação dos anos finais é uma modalidade de ensino que exige muita atenção e preocupação por parte não só dos professores, mas como toda a instituição, e como é direito de todas as crianças e adolescentes irem à escola e receber um atendimento pedagógico de qualidade desde pequenas. A instituição precisa cuidar e a ensinar os alunos como eles merecem com atenção, carinho, respeito, afeto e muito amor, para que consiga desenvolver seus traços de personalidade de forma integral, como um ser social do bem.

4.6. Interesse pela temática afetividade é:

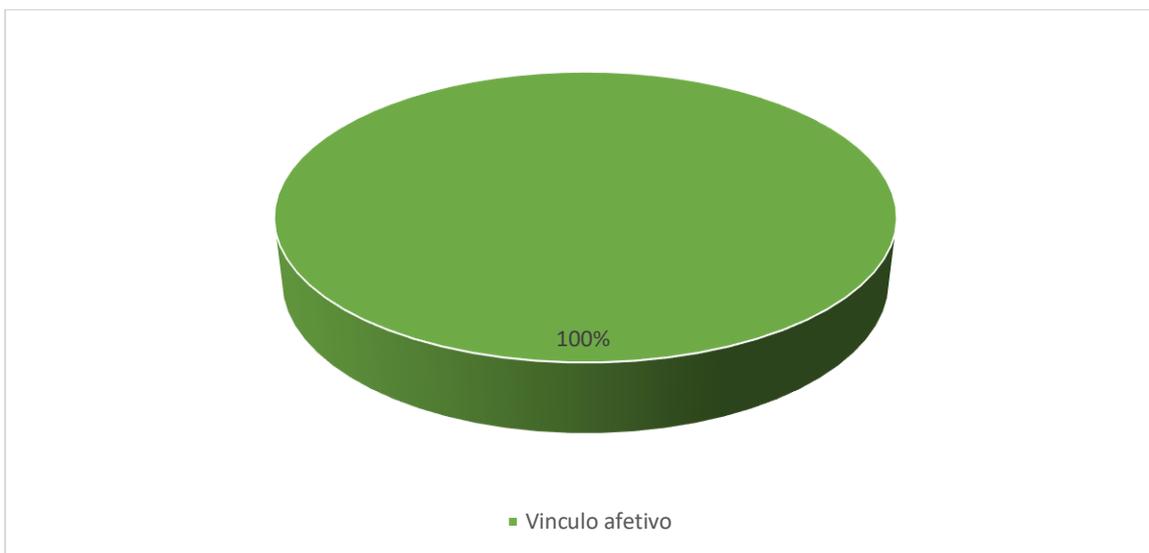


Fonte: Pesquisa de campo, 2018

O tema “Afetividade na Educação” é de extrema relevância no ambiente educacional, pois estimula a capacidade de desenvolver o conhecimento voltado para o conhecer e o aprender, de uma forma que os vínculos e aprendizados são alcançados a partir das trocas estabelecidas entre o aluno e o professor. É sabido que o sentido da aprendizagem é único e particular na vida de cada criança, pois o desenvolvimento da aprendizagem é um processo contínuo e a afetividade possui um papel imprescindível nesse processo de desenvolvimento do aluno, uma vez que a falta de uma educação, que deixa de abordar a emoção (aspectos afetivos) em sala de aula e na família, poderá ocasionar prejuízos no desenvolvimento cognitivo da criança. Assim afetividade é um dos fatores que colaboram para o sucesso do processo de ensino aprendizagem.

Com tanta importância assim, fico preocupada com o resultado dessa pergunta. Para 86% dos professores, é razoável o interesse pela temática afetividade. Como um aspecto tão importante como o afetivo, pode ser pouco interessante para esses professores, um fator que colabora tanto para a aprendizagem do aluno é razoável para elas? Por outro lado, uns números bem menores de 14% dos professores assinalaram grande interesse. Porque sabem como é indispensável à afetividade em sala de aula.

4.7. Na construção do planejamento escolar você inclui atividades que favoreçam a construção do vínculo afetivo entre professor e aluno?



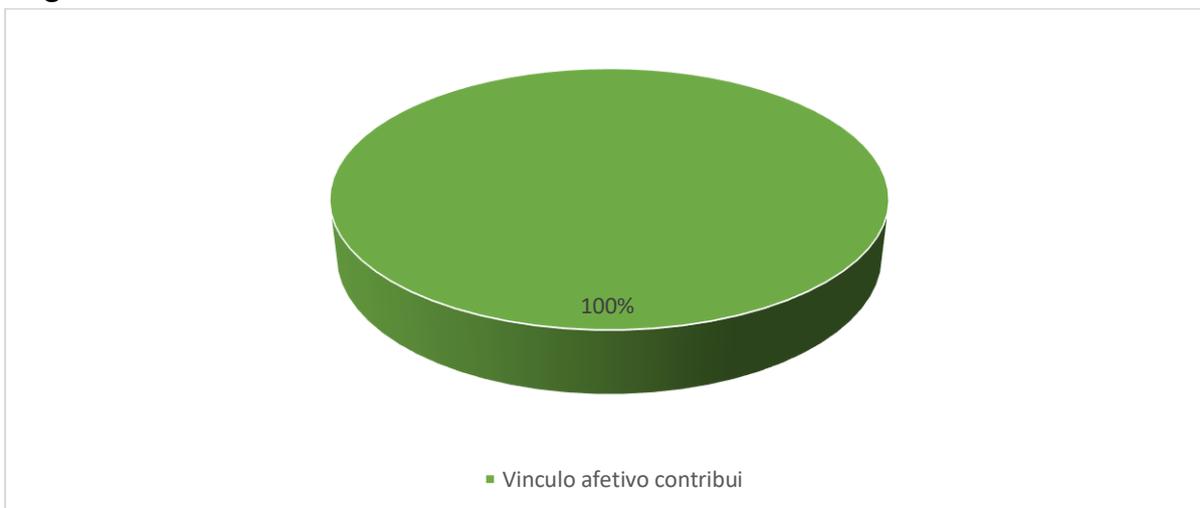
Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Todos os professores falaram que propõem atividades que favoreça a construção do vínculo afetivo entre o professor e o aluno durante a realização do planejamento escolar. É bem contraditório essa resposta, pois os mesmos acham de pouca importância o tema afetividade e logo em seguida afirmam que fazem atividades que fortalece o vínculo afetivo entre professor e aluno. Mas é de grande relevância que isso aconteça, pois, o aluno através dessa relação de confiança com o professor, que ele vai se sentir mais seguro realizará as atividades com facilidade e se sentirá à vontade para perguntar e assim o desenvolvimento acontecerá de forma eficaz.

Como afirma Almeida (1999, p.103): “O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitadores do conhecimento”.

É fundamental encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis.

4.8. O vínculo afetivo entre professor e aluno contribui para o desenvolvimento cognitivo do educando?



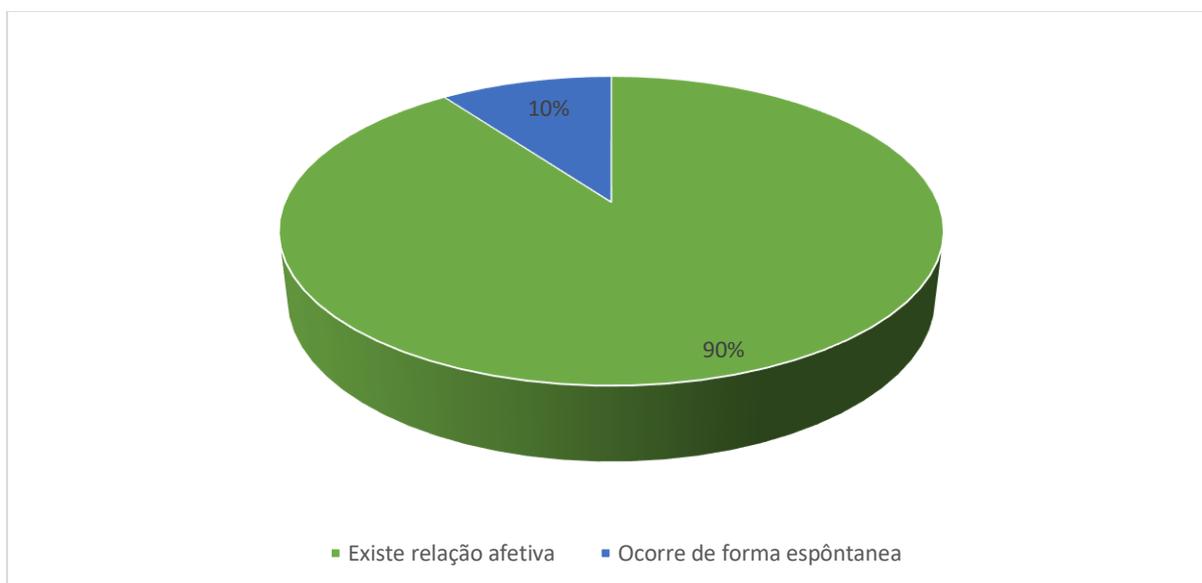
Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Para 100% dos professores que participaram da pesquisa de campo, o vínculo afetivo entre professor e aluno contribui realmente para o desenvolvimento cognitivo do educando.

Apesar dos educadores não se interessarem muito pelo tema afetividade, reconhecem que tal temática, contribui para o bom desenvolvimento cognitivo do educando, por saber que esse vínculo entre professor e educando facilita todas as atividades propostas em sala de aula. Nesse sentido, Vygotsky (2003, p.75): “No processo de educação, o professor deve ser como os trilhos pelos quais avançam livres e independentemente os vagões, recebendo deles apenas a direção do próprio movimento”.

Na educação o professor mostra o caminho e oportunidades que o educando deve percorrer dando-lhe estímulos para aprender e construir a base do seu conhecimento, sentindo-se seguro para desenvolver suas potencialidades e se tornar um sujeito autônomo e independente.

4.9. Há uma relação afetiva entre você e os alunos (as)?



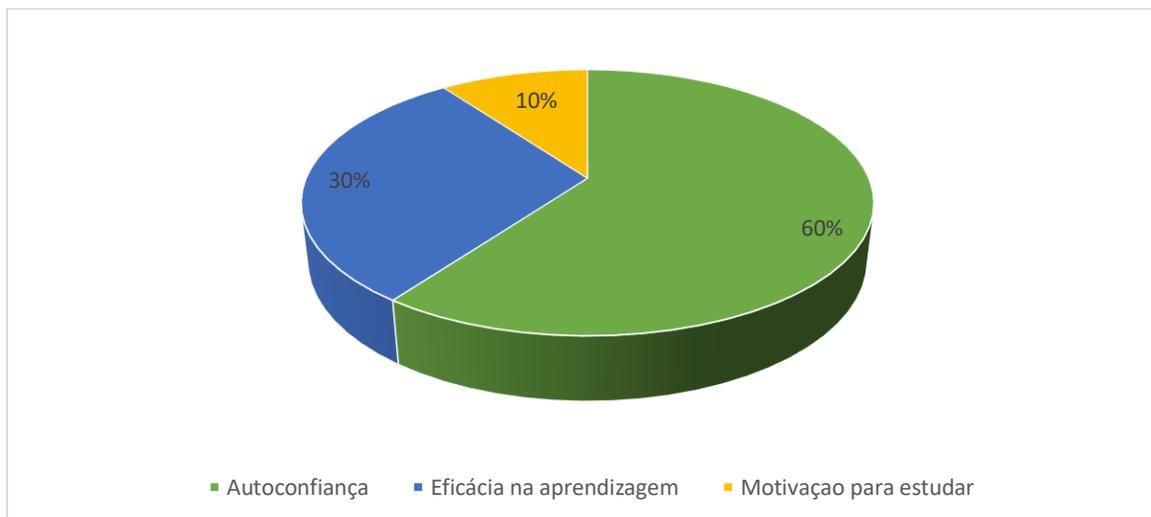
Fonte: Pesquisa de campo, 2018

É perceptível que 90% dos professores consideram que existe essa relação afetiva entre professor e aluno. No entanto, um número bem menor de 10% entende que isso ocorre de forma espontânea, dentro da sala de aula.

É oportuno que o afeto esteja presente na relação professor aluno, dentro e fora da sala de aula, porque a interação entre esses dois sujeitos realiza e constrói conhecimentos. Porém, ter esse afeto não quer dizer que o professor vai deixar de ser autoritário, sem estabelecer normas na sala e sim, trabalhar com respeito para estimular o educando ao seu desenvolvimento independente. Segundo (BRASIL, 1998, p. 75): “Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso, depende a construção de um vínculo afetivo entre quem cuida e é cuidado”.

Diante do exposto, os professores, devem entender que afetividade está relacionado ao educar e cuidar de forma inseparáveis, para criar aprendizagens significativas, para o aluno desenvolver suas habilidades em todos os aspectos, porque a criança está em fase de construção.

4.10. Qual o maior benefício gerado pela afetividade entre professor e aluno?



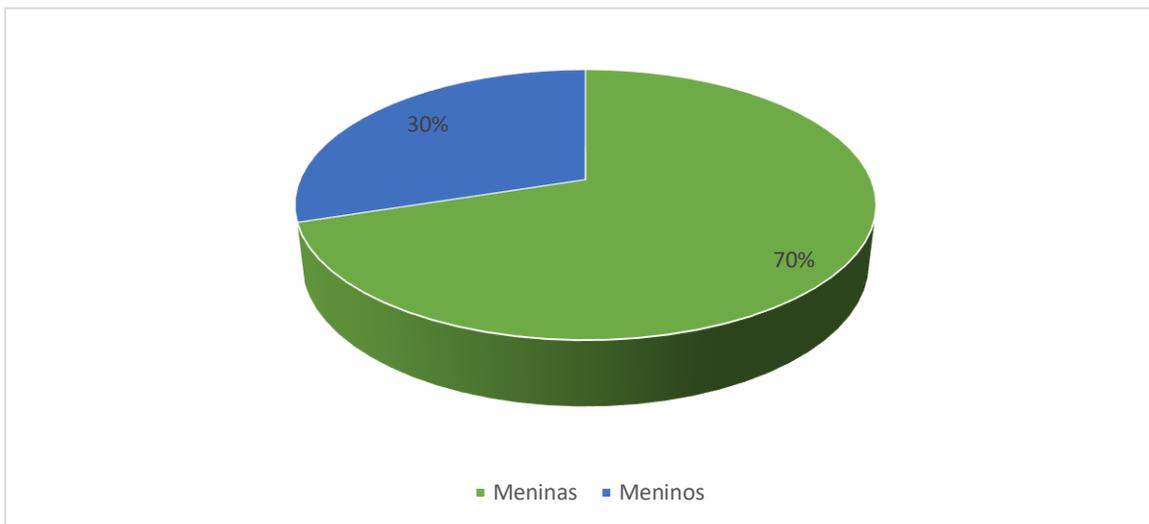
Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Nessa última pergunta referente ao questionário dos professores, constata-se que, 60% consideram como maior benefício da afetividade o gosto pela escola e autoconfiança. Outros 30% a eficácia na aprendizagem. Apenas 10% assinalaram a motivação para estudar.

O processo de aprendizagem pode ser beneficiado quando professor e aluno buscam conhecimentos mútuos de suas necessidades, tendo consciência de sua forma de relacionar-se, respeitando as diferenças. O professor em sala de aula deverá contribuir para desenvolver em seus alunos a autoestima, tranquilidade, capacidade de perdoar, de fazer amigos e socializar-se.

5. ANÁLISES DO QUESTIONÁRIO FEITO AOS ALUNOS

5.1. Gênero



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Essa primeira pergunta direcionada as crianças e adolescentes. Ela nos mostra a opinião dos educandos visto que quanto ao questionário as meninas se sentiram mais à vontade para responder, já os meninos se esquivaram, por serem mais vergonhosos. 70% das meninas se prontificaram falar sobre a temática e 30% dos meninos acharam meio estranho o tema, mas depois de se informarem responderam, mas, com um pouco de receio.

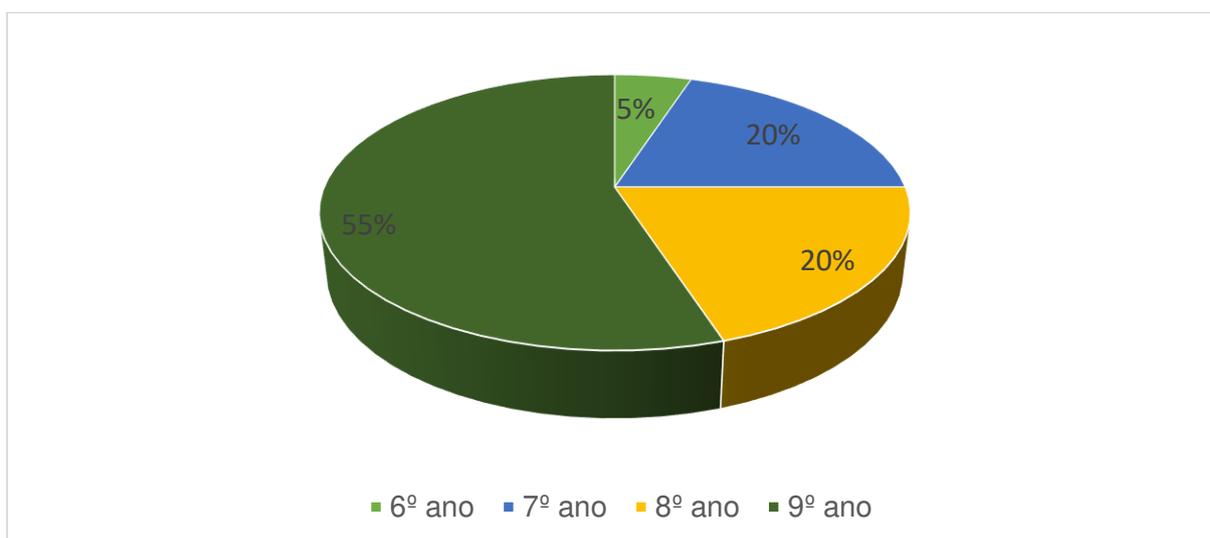
5.2. Faixa etária.



A faixa etária mostra-nos que as crianças e adolescentes tem suas opiniões e buscam respeito, dedicação e carinho dos professores, entrevistamos alunos de idade entre 10 e 14 anos, que mesmo em uma fase tão difícil científico e socialmente sabem que os professores são elos importantes na sua educação e através do seu trabalho ajudam na formação de cada um.

Para PIAGET e INHELDER, (1982) é nessa etapa que a criança é capaz de pensar logicamente, formular hipóteses e buscar soluções, sem depender mais só da observação da realidade.

5.3. Qual ano escolar?

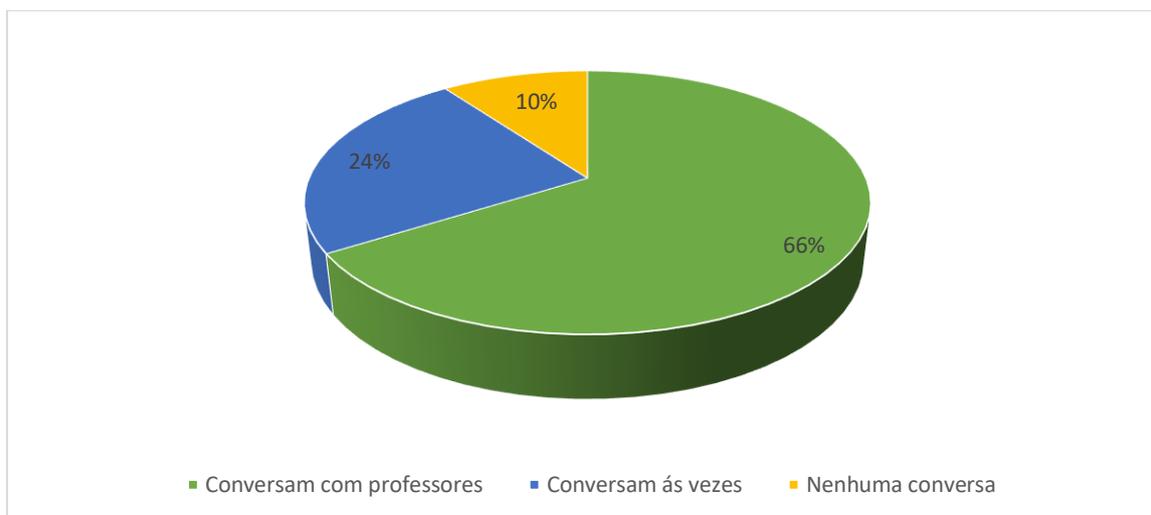


Os anos pesquisados foram as que contemplam o ensino fundamental maior que começa do 6º e termina no 9º ano, com crianças e adolescentes de idades variadas, a observação feita foi que os alunos pesquisados todos estão na idade certa, não há distorção em série idade.

Houve uma maior disponibilidade para responder o questionário os alunos dos 7º, 8º e 9º pelo fato de estarem em uma fase da adolescência mais avançada e alguns já entenderem da temática afetividade.

Segundo Wallon(1968) nesse estágio o adolescente passa a desenvolver sua afetivamente de forma mais ampla da qual a busca da autoafirmação e desenvolvimento sexual marcam esse estágio. Os conflitos internos e externos se fazem presentes nesse momento.

5.4. Você gosta quando o professor conversa com você? Por quê?



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Quanto a análise dessa questão observamos que 66% dos alunos gostam de conversar com seu professor, a maioria justifica que é pelo fato de ter uma aproximação, interatividade com o docente, gerando mais confiança, carinho e afeição entre professor e aluno.

Através dessa resposta vimos que o professor pode disponibilizar-se em ajudar o aluno concretizando sua afetividade no fazer pedagógico que pode ser bastante efetivo, já que ele pode dar dicas, informações, explicar como pode e deve ser, dar ideias, mostrar como faz, dar exemplos, ensinar a estudar, mostrar diferentes maneiras de se fazer, etc.

Segundo Wallon (1995a), a vida afetiva é construída a partir de um processo de construção. O autor afirma que, a criança sente-se atraída pelas pessoas que a rodeiam, mas esse acontecimento é feito precocemente tornando-se sensível aos pequenos indícios da disponibilidade do outro em relação a si própria.

Outros 24% responderam que conversam às vezes com o professor, e ao conversarem procuram falar sobre assuntos voltados para sua aprendizagem, visto que não confiam no docente para conversas além do que “interessa” a eles.

Os 10% afirmaram que não tem nenhuma conversa com os professores, e que procuram não interagir. Um fato intrigante, já que em sala de aula é imprescindível não haver conversa entre professor e aluno.

O pensamento de Wallon expõe o quanto é importante o poder do afeto, e da transparência das emoções, pois é através delas que há um crescente aumento

do contato afetivo. Os adultos, no convívio com crianças, estão expostos a esse contato e assim estarem emocionalmente ligados a eles e vice-versa. Wallon (1995a) afirma que:

A emoção tem a necessidade de suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, inversamente, tem sobre o outro uma grande força de contágio. É difícil ficar indiferente às suas manifestações, não se associar a elas através de arroubos de mesmo sentido, complementares ou mesmo antagônicos (p. 99).

Nas relações interpessoais é próprio haver um contágio emocional as vezes negativo outras vezes positivo. O professor precisa buscar nesse convívio com o aluno uma relação na qual ajude a melhorar a interação entre eles.

5.5. Quais são os assuntos que você gosta de falar com os professores? Porque?

Todos os entrevistados pontuaram que conversam sobre vários assuntos, mas o que os interessam são voltadas as aulas, gostam de esclarecer questões, que os professores expliquem determinados assuntos que ajudem a ter mais conhecimento, que esclareçam suas duvidas de determinada aula, visto que algumas vezes não entendem quando estão todos na sala.

Foi observado que todos os alunos, estabelecem uma relação entre a pessoa do professor e suas práticas pedagógicas, os professores que auxiliam, ajudam e são mais dinâmicos em sala de aula, tem mais proximidade com os educandos e assim criam um vínculo afetivo, já que são admirados por eles.

Observamos também que essas crianças e adolescentes não gostam de conversar sobre sua vida com o docente e que o vínculo afetivo, é mediado por uma barreira, na qual se torna quase que impossível que essa relação transpasse os muros da escola.

Contemplamos outras respostas voltadas a essa questão e que são valorizadas pelos alunos como relevantes nesse processo de ensinar do professor. Vimos que os alunos valorizam o ato do elogio por parte do professor, o aluno se sente bem quando elogiado, por saber que está conseguindo obter conhecimento.

Conversam sobre suas notas e gostam de discutir seus erros, e que com o professor encontre um caminho para melhorar, pois acham de extrema importância

um professor que tenha paciência em repetir explicações e procedimentos, ajudá-lo em suas dificuldades e esperar o aluno, ter calma e transmitir calma.

O professor brincalhão, divertido e que tenha senso de humor foi citado por eles, visto que gostam de conversar assuntos engraçados e que possam descontraír um pouco em sala de aula. A descontração é uma qualidade que, como a paciência, traz leveza para as situações de dificuldade e tensão. A forma com que o professor conversa com o aluno é muita evidenciada e valorizada fazendo com que haja o respeito, a consideração, a confiança e a coerência entre professor e aluno.

5.6. Você sabe o que é afetividade? Explique.

A maioria dos entrevistados disseram que não sabem o que é afetividade, e mesmo depois de explicado alguns deles falaram que não saberiam distinguir, carinho, amor, afeição da palavra afeto. De acordo com o dicionário Aurélio (2018):

Afetividade é a demonstração de um sentimento de querer bem, de ter carinho ou cuidado com outro alguém. Ela também pode ser considerada responsável por criar laços entre as pessoas mesmo quando não há interesses sexuais envolvidos. Está relacionada a uma amizade mais querida. A palavra afetividade se deriva dos termos afeto e afetivo. A psicologia se refere a esses fenômenos como qualquer sentimento de paixões, emoções, preocupações, carinho, entre outros. A afetividade está diretamente ligada à formação do caráter de um determinado indivíduo. Os sentimentos afetivos exercem um importantíssimo papel durante toda a vida, mas principalmente quando criança, fase em que se concentra todo processo de aprendizagem das pessoas.

Chegam a ser preocupantes as repostas dessas questões, pois crianças e adolescentes na educação fundamental dos anos finais já poderiam distinguir o conceito de afeto, afetividade da forma que são trabalhados por seu professor, pois na educação é essencial o desenvolvimento da afetividade desde os anos iniciais, segundo Piaget (1985) e Wallon (1992) é por meio da afetividade que é determinado o tipo de relacionamento entre o professor e aluno, pois essa relação terá um grande impacto na vida do aluno e na forma como ele adquire novos conhecimentos. Dá-se muito atenção ao aspecto cognitivo, mas esquecemos que é através da afetividade que esse conhecimento é construído, sendo assim sem afeto é difícil que o aluno chegue a atingir seu potencial.

Outros alunos conceituaram afetividade da forma como deve ser, chegaram a falar que alguns professores trabalham com amor e assim, motivam eles na aprendizagem, é muito importante a troca de afetividade, pois o trabalho do professor

fica melhor compreendido e valorizado por quem merece, nossos alunos são pessoas que tem o direito de serem tratados carinhosamente dentro da escola e na pessoa do professor ter carinho, atenção que muitas vezes não recebem de sua família. Chega a ser contagiante quando dentro e fora da sala de aula há um respeito mútuo entre professor e aluno, alguns professores relataram que assim fica melhor de trabalhar.

5.7. Você cumpre com suas tarefas e estuda igualmente para todas as disciplinas ou tem diferença nas aulas que você mais gosta? Porquê?

Os alunos responderam que fazem o que é necessário para serem aprovados nas disciplinas, mas que algumas aulas são chatas e monótonas (que sentem sono) não sentem nenhum carinho pelo professor, na maioria das vezes saem da sala. Responderam que há muita diferença nas aulas dos professores que eles gostam, tem mais atenção e fazem as atividades, sentem prazer em assistir e participar das aulas de determinados professores.

É importante que essa relação cause admiração do aluno, o professor precisa exercer seu papel de forma exemplar, na qual faça com que o aluno tenha admiração por seu trabalho. Para Wallon (1995) esse é um aspecto que se constitui importante para o processo de diferenciação entre o sujeito e a outra pessoa.

Algo determinante que foi observado nas questões respondidas pelos os alunos, foi a forma como o professor conversa e os trata, alguns explicaram que há professores os tratam mal, não explicam o conteúdo e parecem se sentirem obrigados a estarem ali. E, que sentem receio de perguntar algo a eles e receberem respostas desagradáveis.

Assim sendo foram reveladas nessa questão que as práticas pedagógicas influenciam na relação dos alunos com os professores. Que a mediação do professor, através destas, determina o fator dos alunos, gostarem ou não de escrever, gostarem de matemática, de artes, história, geografia, etc., destacando a sua função mediadora.

Em alguns comentários, a prática pedagógica dos docentes faz repercutir na confiança dos alunos neles próprio. Vimos que o que se destaca é o querer fazer do aluno, querer aprender como escrever mais, errar menos, entender bem, estar mais organizado, desenvolver novas habilidades, aprender e não esquecer mais, estabelecer novas relações, etc. Terem satisfação em estar naquela aula, assim tendo

percepção em seu processo de conhecimento, construindo uma boa relação com o objeto do seu conhecimento.

5.8. Como você expressa carinho por seus professores?

A forma como demonstram carinho por seus professores foi evidenciada principalmente pelo respeito por eles, as crianças e adolescentes responderam que respeitam muito os professores, os tratam diferentes dos demais além de ter compromissos com atividades das disciplinas, pois assim não fazem com que o professor se desgaste cobrando algo que são de sua responsabilidade e que ficam zangados com os colegas que agem diferente, e que buscam ajudar seus colegas.

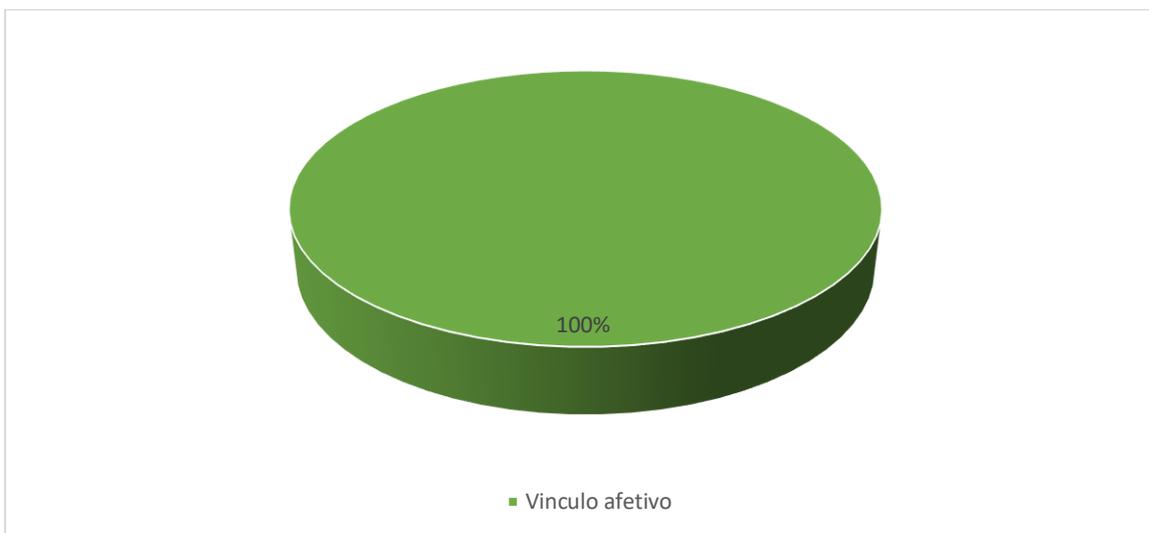
Outro fator importante de demonstração de carinho que foi respondido, foram os diálogos e participação em aulas, responderam que conversam mais com seus professores e tem liberdade de comentarem vários assuntos com eles, em sala de aula, e que se sentem livres para indagarem os professores sobre suas dúvidas, sabem que o professor terá paciência para esclarecer as questões nas que eles não sabem.

Expressaram que se preocupam com o professor e que uma forma de expressar seu carinho é abraçá-lo, se sentem importantes quando é retribuído da mesma forma pelo professor. Também fazem bilhetes e lhe entregam.

O papel do professor na sala de aula é encaminhar o aluno para desenvolvimento dos seus valores pessoais e emocionais como: a autoestima, a capacidade de se relacionar, fazer amigos, contemplar o que é bom, estabilidade, tranquilidade, de perdoar, fazer amigos, ter amigos, de socializar-se e principalmente a empatia.

Para Vygotsky (1996), a relação professor/aluno não deve ser uma relação impositiva, na qual o professor é detentor do saber, alguém que imponha medo, mas, sim respeito, crescimento mutuo e que haja cooperação nesse processo. O papel do professor é fundamental como alguém mais experiente, visto que ele é o mediador da aprendizagem e por essa razão precisa o domínio e apropriação dos diferentes instrumentos culturais.

5.9. Você acha que o vínculo afetivo entre professor e aluno contribui para sua aprendizagem? Porquê?



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Os dados pesquisados mostram-nos que 100% dos alunos acham de grande importância o vínculo afetivo com seu professor, visto que o aspecto cognitivo é motivado pela afetividade, eles indagaram que se sentem mais a vontade de ir para a escola quando sabem que é aula de determinado professor.

Henri Wallon (2003) fala que, a afetividade está essencialmente ligada ao desenvolvimento cognitivo, visto que muito se difere entre crianças e adultos, pois há um agrupamento de construções de inteligência por ela, seguindo a tendência que possui para pensar e inserir-se socialmente.

A escola é um lugar de vivência e cidadania e é preciso que ela possa trazer no seu alicerce o ideal de proporcionar aos educandos momentos prazerosos de aprendizagem, por esta razão a grande importância do bom relacionamento afetivo entre docentes e discentes dentro da escola.

5.10. O que você acha que o professor precisa para ser um bom professor?

Percebemos nessa questão que as ênfases das respostas foram voltadas para questões bem didáticas. O fato do professor ter paciência foi o mais falado por eles, e a afetividade passa por isso também, ou seja, o fato do professor ser paciente em entender, ter a percepção do aluno além da sala de aula, buscar saber o motivo pelo qual um aluno está indo mal em sua disciplina, visto que ele já foi bom, é afetividade. Um profissional de educação não pode se ater aos muros da escola, ele precisa entender o motivo que leva um aluno a não gostar de sua disciplina.

Outro quesito foi o fato do professor explicar bem, e voltamos a primeira resposta, para que haja isso, é preciso haver respeito por parte do professor envolvendo o aluno e tendo como proposta de melhoramento um *feed back*, o docente precisa perguntar se os alunos estão gostando da forma que ele está explicando, se estão absorvendo o assunto, se gostam da forma como ele dar aula, para que haja respeito entre ambos, todos devemos melhorar, e para isso é essencial que haja dentro e fora da sala de aula, carinho, respeito e paciência entre as partes que ali convivem.

Não brigar, ser legal e ser carinhoso foram outras respostas analisadas, vimos que a afetividade passa por todas as fases do ensino e que é de extrema importância em todas as idades, os alunos precisam de apoio do professor para que tenha crescimento educacional, para que seja inserido no grupo escolar, e o professor como mediador do conhecimento e sujeito da educação tem um papel muito importante no caminho da aprendizagem que não se distingue da afetividade.

6.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que foi possível verificar como a afetividade na relação professor aluno pode contribuir para a aprendizagem dos alunos de Educação fundamental maior na Escola Municipalizada Santos Dumont na cidade de Imperatriz. Na perspectiva de compreender o que pensam os professores e alunos sobre esse assunto, busquei auxílio em alguns teóricos e realidades vividas na escola. De modo que, confirmou minha expectativa de que a afetividade é sim mediadora da aprendizagem do aluno

A pesquisa em pauta teve pontos importantes sobre a afetividade, mostrando a visão dos professores e dos alunos, sobre a importante relação entre professor e aluno, de forma que é preciso todos saberem da real necessidade de se trabalhar com a criança e adolescente, nesse aspecto afetivo, proporcionando a elas segurança e estímulo dentro da escola.

Constatou-se que na escola tem educadores, graduados em Língua Portuguesa, Matemática, dentre outras, e que além de trabalhar com sua disciplina trabalham em outra alheia a sua formação, às vezes para completar a carga horária. Sabemos que cabe aos educadores entenderem que quando se assume um compromisso tão importante como o de ensinar, o mesmo deve ser levado a sério e realizado baseado em princípios, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. É vital entender que o processo de aprendizagem é social, que se desloca para as interações e para os procedimentos de ensino tornar-se fundamentais.

O comportamento do professor em sala de aula, expressa suas intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos que afetam cada aluno individualmente. Através da observação desses educadores, foi possível obter uma amostra de como veem, sentem e compreendem a Educação dos anos finais. O comportamento afetivo desses professores tem uma influência relevante na aprendizagem dessas crianças e adolescentes.

No decorrer da pesquisa de campo, observou-se que 100% dos professores que participaram da pesquisa de campo, o vínculo afetivo entre professor e aluno contribui realmente para o desenvolvimento cognitivo do educando.

Pode-se concluir que há educadores preocupados com o desenvolvimento dos educandos, isto é, educadores que tem conhecimento da importância da afetividade e que a mesma é uma ferramenta mediadora da aprendizagem das

crianças e adolescentes do Ensino Fundamental Maior. Em todos os questionamentos as respostas vieram sempre dar sustentação e perceber que a afetividade apesar de ser um tema bastante debatido ainda tem seu espaço no ambiente educacional. O resultado da pesquisa mostra educadores comprometidos com o desenvolvimento dos alunos, fazendo uso da afetividade.

Enfim, as relações permeadas pelo vínculo afetivo contribuem para reparar possíveis fraturas no processo de aquisição do conhecimento de cada aluno, dando espaço para que haja um aprendizado significativo. A relação de afetividade é facilitadora desse processo e o professor é o mediador. Então, pode-se afirmar que o afeto faz toda a diferença na aprendizagem e constituição do sujeito e deixa marcas em suas conquistas.

7.0. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho e Placco, Vera Maria Nigro de Souza (2002). **Coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. Ed. Loyola, São Paulo.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Ser professor: um diálogo com Henri Wallon. In: MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 119-142.

ALVES, R. **Ao professor com meu carinho**. 5. ed. Campinas, São Paulo: Verus, 2004

FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREUD, S. (1913) Esboço de psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. In: _____ Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992. cap 1. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAehikAH/libaneo>>. Acesso em 15jun2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

MARTINS FILHO, Altino José. **O lugar da criança**. Pátio Educação Infantil, ano 7, nº. 7, p. 23, jul/out 2008.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. 11ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970.

PIAGET, J. & INHELDER, B. **A Psicologia da Criança**. Rio de Janeiro, Bertrand-Brasil, 1989 (10a . ed.).

_____. **O desenvolvimento do pensamento**: equilíbrio das estruturas cognitivas. Lisboa : Dom Quixote, 1977a. Título original: L'equilibration des structures cognitives, 1977.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**: Do aos textos, da escola à academia. 4. ed. São Paulo: Rêspel, 2013.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. **Psicologia do desenvolvimento**: teorias do desenvolvimento – conceitos fundamentais. São Paulo: EPU,1981.

SALTINI, Cláudio J.P (Claudio João Paulo),1935. **Afetividade & Inteligência**. Vol.1: Emoção na Educação. 4º edição. Rio de Janeiro: DP &A, 2002.

SIQUEIRA, Denise de Cássia Trevisan. **Relação professor-aluno**: uma revisão crítica. São Paulo: Atlas, 2011.

UNICEF; PNUD; INEP-MEC (Coord.). **Indicadores da qualidade na educação. Ação Educativa**. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa. 1992. **Piaget, Vygotsky, Wallon – teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus.

WALLON, H. **A Evolução Psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

_____. **Objetivos e métodos da psicologia**. Lisboa: Estampa, maio 1975.

_____. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, maio 1979

WALLON, H. (1968) A e VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes. volução psicológica da criança. Lisboa: Edições, 1994.

Vygotsky. L. S. **A Formação Social da Mente**, Martins Fontes 7edição 2007, São Paulo

8.0. ANEXOS

ANEXO A – Questionário aplicado aos professores.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS.

- 1. GÊNERO:**
- 2. FAIXA ETÁRIA:**
- 3. BASE SALARIAL:**
- 4. FORMAÇÃO.**
- 5. PARTICIPOU DE CURSOS E/OU SEMINÁRIOS SOBRE A TEMÁTICA - AFETIVIDADE?**
- 6. INTERESSE PELA TEMÁTICA AFETIVIDADE É:**
- 7. NA CONSTRUÇÃO DO PLANEJAMENTO ESCOLAR VOCÊ INCLUI ATIVIDADES QUE FAVOREÇAM A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO ENTRE PROFESSOR E ALUNO?**
- 8. O VÍNCULO AFETIVO ENTRE PROFESSOR E ALUNO CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DO EDUCANDO?**
- 9. HÁ UMA RELAÇÃO AFETIVA ENTRE VOCÊ E OS ALUNOS (AS)?**
- 10. QUAL O MAIOR BENEFÍCIO GERADO PELA AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO?**

ANEXO B – Questionário aplicado aos alunos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS.

1.GÊNERO:

2.FAIXA ETÁRIA:

3. QUAL ANO ESCOLAR:

4. VOCÊ GOSTA QUANDO O PROFESSOR CONVERSA COM VOCÊ? POR QUÊ?

5. QUAIS SÃO OS ASSUNTOS QUE VOCÊ GOSTA DE FALAR COM OS PROFESSORES? PORQUE?

6. VOCÊ SABE O QUE É AFETIVIDADE? EXPLIQUE.

7. VOCÊ CUMPRE COM SUAS TAREFAS E ESTUDA IGUALMENTE PARA TODAS AS DISCIPLINAS OU TEM DIFERENÇA NAS AULAS QUE VOCÊ MAIS GOSTA? PORQUÊ?

8. COMO VOCÊ EXPRESSA CARINHO POR SEUS PROFESSORES?

9. VOCÊ ACHA QUE O VÍNCULO AFETIVO ENTRE PROFESSOR E ALUNO CONTRIBUI PARA SUA APRENDIZAGEM? PORQUÊ?

10. O QUE VOCÊ ACHA QUE O PROFESSOR PRECISA PARA SER UM BOM PROFESSOR?